

NOÉMIA DE SOUSA

SANGUE NEGRO

P . O . E . S . I . A



Marimbique



NOÉMIA DE SOUSA

SANGUE NEGRO

P O E S I A



Marimbique - Conteúdos e Publicações, Lda-

Título Sangue Negro

Autora Noémia de Sousa

Copyright Virgínia Soares & Marimbique

Edição Marimbique

Editor Nelson Saúte

Design gráfico e Layout **L.Ussivane**

Gravura Miguel César

Revisão Olga Pires

Número de registo 7085/RLINLD/2011

ISBN 978-989-97H63-0-5

Tiragem 2000 exemplares

Impressão e acabamentos **Peres-Soctip**

Maputo, Setembro de 2011

O LEGADO DO AMANHÃ

PREFÁCIO

"Nelson: Procura ser um fiel servo da Memória de todos os tempos para que a tua voz se faça ouvir no teu tempo. E escuta com atenção o que te dizem as vozes de outras bocas, de outros mensageiros e as melodias de outros xipendanas. Então sentirás sobre os ombros o peso — o verdadeiro peso — de um genuíno legado, o legado do teu Amanhã em que dirás com toda a humildade: 'Sou um homem de ontem mas não me neguem um lugar de repouso nos céus do vosso Hoje.' Um maningue forte abraço do **José Craveirinha** 3/7/1991, Lisboa (Boene)."

José Craveirinha advertiu-me, ao longo dos anos, para o legado que resultava da minha devotada e assídua convivência com a sua geração. Muito jovem chegara à literatura e fazia do jornalismo uma espécie de viático para o sonho: ler e interpelar os fundadores da nossa literatura sobre a formação de Moçambique. Advindo do contexto da euforia revolucionária, onde avultava uma leitura histórica maniqueísta, queria ter o depoimento dos poetas, dos escritores, daqueles que estavam no retábulo da cultura. Rapidamente o texto construiu a ponte do afeto e daí resultou um verdadeiro encontro com a História: Noémia de Sousa, José Craveirinha, Orlando Mendes, Rui Knopfli, Fonseca Amaral, Rui Nogar, Aníbal Aleluia, entre tantos outros, só para citar aqueles que abandonaram o reino dos vivos. José Saramago, apercebendo-se desta relação privilegiada com os mais velhos, havia de me dizer um dia: "Você está a conviver com os seus antepassados literários."

Cultivei amizade com estes escritores, frequentei suas casas, atardei-me em conversas infinitas, guardei como pecúlio o que me disseram. De todos, Noémia de Sousa talvez tenha sido aquela por quem eu mais expressei o meu amor sem penitência. Tratava-a como "Mãe" e ela acolhia-me sempre com carinho maternal. Os olhos da Noémia brilhavam quando me abria a porta na casa de Algés, onde a fui visitar regularmente. Tenho por isso muitas lembranças queridas da Noémia. Caminhámos tantas vezes de mãos dadas, abraçados, íamos almoçar juntos, ou a casa dela, ou a um restaurante (Nortenha), que ficava perto, quando ela não podia cozinhar.

Tínhamos longas e intensas conversas. Por vezes ela gravava. Confidenciava-me o desejo de intentar a ficção quando chegasse a reforma.

Ela trabalhava na agência Lusa. Muitas vezes eu lá ia visitá-la e era recebido pelos colegas com exultação. Eles admiravam-na e via-se a reverência que lhe concediam. Não só com a jornalista mais velha e experiente, mas com o mito vivo da literatura moçambicana. Descíamos da redação e ficávamos ali, no café, em baixo, perdidos na conversa e na lembrança da terra distante. Noémia nunca falava dela própria, falava antes dos outros, com uma inexcedível candura; relegava-se à sombra. Mesmo quando denunciávamos o peso da injustiça e da deslembração.

Também viajámos juntos, algumas vezes. Recordo sobretudo uma viagem a Londres para um encontro organizado pelo Hélder Macedo, do *Kings College*. Noémia exclamaria para mim na *Trafalgar Square*: "Olha, a estátua do almirante Nelson!" Tinha um brilho insofismável no olhar. José Craveirinha ia na viagem. O Rui Knopfli tinha ido buscar-nos ao aeroporto. Recordo ainda a viagem, entre Lisboa e Maputo, em setembro de 1996, quando Noémia vinha para a homenagem dos seus 70 anos. Viemos juntos no avião de mãos dadas.

À margem de um congresso de escritores, em Lisboa, em 1989, tendo eu preferido a companhia dos mais velhos, em detrimento dos companheiros da geração mais jovem, recordo a surpresa e a pergunta da Noémia: por que razão é que eu gostava dos mais velhos? Por que razão eu me entregava com devoção à sua geração? Eu não poderia ser mais claro: queria saber o que havia acontecido — dizia-lhe —, como tinha sido a nossa história, queria conhecer o passado, na perspectiva de outras personagens. Intuia que a narrativa que reclamava a legitimidade histórica não estava cabalmente encetada, faltava-lhe algo.

Foi daí que nasceu, aliás, a ideia de escrever "*Os habitantes da memória*". Lembro-me de que a entrevista com ela foi interrompida muitas vezes porque a Noémia chorava ao lembrar-se de factos, de pessoas, de situações, de Moçambique; chorava de emoção, de saudade, por estar longe, porque a vida assim o quisera: "Agora que estou velha o que é que vou fazer a Moçambique?" — perguntava-me. Sorria e chorava. Ajeitava o cabelo, naquele seu jeito, com as mãos trêmulas e sorria.

Tenho lembranças demais da Noémia. Acompanhei como poucos os últimos anos da sua vida e nunca deixei de a persuadir a publicar o seu livro. Muitos haviam tentado antes. O saudoso Manuel Ferreira foi dos mais persistentes. Recusou a Michel Laban, seu grande amigo, falecido há poucos anos, como a tantos outros, igual pedido. Júlio Navarro, Gulamo Khan, Rui Nogar, Leite de Vasconcelos, tantos outros, também tentaram, sem sucesso.

A despeito, em 2001, perante a minha persistência, ela anuiu, finalmente, impondo apenas uma condição: que eu ficasse responsável pela edição e que contasse com a colaboração indispensável da Fátima Mendonça (que também tentara convencê-la e que a visitou até ao fim) e do Francisco Noa (outro amigo persistente), e que a edição fosse feita integralmente realizada em Moçambique, pela Associação dos Escritores Moçambicanos. Havia, sem o prejuízo desse ditame, a ideia de fazer uma co-edição com a Imprensa Nacional Casa da Moeda em Lisboa. Mas tal ideia não avançou.

Assumi honrado esta tarefa, contando com o apoio e a amizade da Fátima Mendonça, do Francisco Noa e ainda do Antônio Sopa. Tinha dito que contaria com o Sopa no projecto gráfico e ela deu pleno acordo. No dia 20 de setembro de 2001, quando Noémia de Sousa fazia 75 anos, lançámos o livro, nos Paços do Concelho, do Município de Maputo. Pouca gente acorreu ao ato. Mas estávamos lá, os amigos, os familiares, os leitores devotados. Poucos, mas bons. Falei com ela nesse dia, antes do lançamento, com muita emoção. Do outro lado do Atlântico, ouvia-se já uma voz frágil, cansada.

Noémia de Sousa já estava muito doente. Ela não viveria muito mais. Passam agora 10 anos sobre aquela edição deste "Sangue Negro". Acalentei ao longo destes anos que deveríamos reeditar esta importante obra, que continua a recolher interesse e entusiasmo, sobretudo dos jovens, tanto em Moçambique, como no estrangeiro. Aqui está. Mantemos integralmente o *corpus* da edição anterior — ou seja, a apresentação por mim feita, o *corpus* da obra que esteve praticamente cinquenta anos à espera de ser editado, ao qual se acrescentaram três poemas dispersos, os textos da Fátima Mendonça e do Francisco Noa — mudando-lhe o grafismo que decorre de uma nova chancela. Os textos foram revisitados pelos autores, submetidos apenas a

uma revisão. Lancei um repto ao Miguel César para que nos resgatasse, no seu traço, o olhar, a expressão, o rosto e o tempo da Noémia que atravessa o nosso imaginário.

É pois com emoção que apresento este "Sangue Negro" de novo ao trânsito dos leitores. Eu tenho um ilimitado afeto pela Noémia de Sousa e acho que este é um dever de memória do qual jamais me poderia exonerar. Todos os anos, no dia 20 de setembro, sou interpelado por jovens que me pedem que vá falar da minha querida Noémia. E eu me repito, também com lágrimas, nesses eventos, recordando-a emocionadamente. Por eles e por todos os outros fazemos reviver esta belíssima e notável obra e não deixamos morrer Noémia de Sousa. E isso me comove até às lágrimas esta noite, enquanto redijo as breves e precárias palavras desta nota preambular.

Há dias, encontrei a sua filha e minha mana Gina na rede, e fomos incapazes de superar a emoção desta empreitada. Ela concordou desde sempre com esta iniciativa e quero agradecer-lhe pelo facto de ter autorizado e apoiado esta edição. Como disse, Noémia de Sousa tem de mim e de muitos dos que a amam a nossa entrega incondicional. Lá onde está, estou certo, ela também chora de e com emoção por este reconhecimento espontâneo dos jovens da minha e de ulteriores gerações. Por mim e para além da minha devotada dedicação, assumo o legado imposto por esta convivência exemplar, quando, faz hoje justamente vinte anos, José Craveirinha me alertava para o facto num autógrafo debitado sobre o exemplar de um dos seus belos livros. Aqui estou, "fiel servo da Memória", penhorado dessa honra que me nobilita. Para sempre.

Nelson Saúte

Kampfumo, 3 de Julho de 2011

SANGUE NEGRO

Para
Cassiano Caldas
e
João Mendes
pelo muito que este livro lhes deve

"Um escarro no rosto não tem expressão

sente-se"

M.Torga

“Para quem espera, como nós,

é sempre a hora de cantar"

Carlos de Oliveira

NOSSA VOZ

NOSSA VOZ

Ao J. Craveirinha

Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
sobre o branco egoísmo dos homens
sobre a indiferença assassina de todos.

Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
nossa voz ardente como o sol das malangas
nossa voz atabaque chamando
nossa voz lança de Maguiguana
nossa voz, irmão,
nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
e revolucionou-a
arrastou-a como um ciclone de conhecimento.

E acordou remorsos de olhos amarelos de hiena
e fez escorrer suores frios de condenados
e acendeu luzes de esperança em almas sombrias de desesperados...

Nossa voz, irmão!

nossa voz atabaque chamando.

Nossa voz lua cheia em noite escura de desesperança

nossa voz farol em mar de tempestade

nossa voz limando grades, grades seculares

nossa voz. irmão! nossa voz milhares,

nossa voz milhões de vozes clamando!

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas,

nossa voz gorda de miséria,

nossa voz arrastando grilhetas

nossa voz nostálgica de impis

nossa voz África

nossa voz cansada da masturbação dos batuques de guerra

nossa voz negra gritando, gritando, gritando!

Nossa voz que descobriu até ao fundo,

lá onde coaxam as rãs,

a amargura imensa, inexprimível, enorme como o mundo,

da simples palavra ESCRAVIDÃO:

Nossa voz gritando sem cessar,

nossa voz apontando caminhos

nossa voz shipalapala

nossa voz atabaque chamando

nossa voz, irmão!

nossa voz milhões de vozes clamando, clamando, clamando!

6/8/1949

NOSSA IRMÃ A LUA

Não, não nos digam que a lua
não é nossa irmã,
uma irmãzinha meiga que nos cubra
a todos com a quentura terna e gostosa
do seu carinho...
que entorne toda a sua doce claridade
sobre as nossas tristes cabeças vergadas
e, como um feitiço forte e misterioso,
nos afugente as raivas fundas e dolorosas
de revoltados,
com sua morna carícia de veludo.

Sua enorme mão,
luminosamente branca, consegue-nos tudo.
E sob o seu feitiço potente, serenamos.
E pouco a pouco, momento a momento,
sossegando vamos...
Fechando nossos olhos impacientes de esperar,

já podemos vogar no mar
parado dos nossos sonhos cansados...
e até podemos cantar!
Até podemos cantar o nosso lamento...
De olhos para dentro, para dentro de nós,
sentimo-nos novamente humanos,
somos nós novamente,
e não brutos e cegos animais aguilhoados...

Sim. Nós cantamos amorosamente
a lua amiga que é nossa irmã.
— Embora nos repitam que não,
nós o sentimos, fundo, no coração...
(que bem vemos
que no seu largo rosto de leite há sorrisos brandos de doçura para nós, seus
irmãos...]

Só não compreendemos
como é que, sendo tão branca a lua nossa irmã,
nos possa ser tão completamente cristã,
se nós somos tão negros, tão negros,
como a noite mais solitária e mais desoladamente escura...

1/3/1949

SÚPLICA

Tirem-nos tudo,
mas deixem-nos a música!

Tirem-nos a terra em que nascemos,
onde crescemos
e onde descobrimos pela primeira vez
que o mundo é assim:
um tabuleiro de xadrez...

Tirem-nos a luz do sol que nos aquece,
a lua lírica do shingombela
nas noites mulatas
da selva moçambicana
(essa lua que nos semeou no coração
a poesia que encontramos na vida)
tirem-nos a palhota — humilde cubata
onde vivemos e amamos,
tirem-nos a machamba que nos dá o pão,

tirem-nos o calor de lume
(que nos é quase tudo)
— mas não nos tirem a música!

Podem desterrar-nos,
levar-nos
para longes terras,
vender-nos como mercadoria,
acorrentar-nos
à terra, do sol à lua e da lua ao sol,
mas seremos sempre livres
se nos deixarem a música!

Que onde estiver nossa canção
mesmo escravos, senhores seremos;
e mesmo mortos, viveremos,
e no nosso lamento escravo
estará a terra onde nascemos,
a luz do nosso sol,
a lua dos shingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão!

E tudo será novamente nosso,
ainda que cadeias nos pés
e azorrague no dorso...

E o nosso queixume
será uma libertação
derramada em nosso canto!

— Por isso pedimos,
de joelhos pedimos:
Tirem-nos tudo...
mas não nos tirem a vida,
não nos levem a música!

4/1/1949

ABRI A PORTA, COMPANHEIROS

Ai abri-nos a porta,
abri-a depressa, companheiros,
que cá fora andam o medo, o frio, a fome,
e há cacimba, há escuridão e nevoeiro...
Somos um exército inteiro,
todo um exército numeroso,
a pedir-vos compreensão, companheiros!

E continua fechada a porta...

Nossas mãos negras inteiriçadas,
detalhe grosseiro
— nossas mãos de desenho rude e ansioso —
já cansam de tanto bater em vão...

Aí companheiros,
abandonai por momentos a mansidão
estagnada do vosso comodismo ordeiro

e vinde!

Ou então,

podeis atirar-nos também,

mesmo sem vos moverdes,

a chave mágica, que tanto cobiçamos...

Até com a humilhação do vosso desdém,

nós a aceitaremos.

O que importa

é não nos deixarem morrer

miseráveis e gelados,

aqui fora, na noite fria povoada de xipócués...

"O que importa

é que se abra a porta".

23/6/1949

PASSE

A ti, que nos exiges um passe para podermos passear
pelos caminhos hostis da nossa terra,
diremos quem somos, diremos quem somos:

— Eternos esquecidos na hora do banquete,
abandonam-nos sempre na rua húmida, reluzente de noite,
e oferecem-nos apenas o espectáculo das janelas iluminadas,
dos risos estrídulos, e a amarga ironia das nossas canções negras
filtradas como aguardente de cana por lábios finos e cruéis...

Nós somos os filhos adoptivos e os ilegítimos,
que vossos corações tímidos, desejosos de comprar o céu — ou a vida —,
vieram arrancar aos trilhos ladeados de micaias,
para depois nos lançarem, despídos das peles e das azagaias,
— ah, despojados dos diamantes do solo e do marfim,
despojados da nossa profunda consciência de homens —
nos tantos metros quadros dos bairros de zinco e caniço!

Nós somos sombras para os vossos olhos, somos fantasmas.
Mas, como estamos vivos, extraordinariamente vivos e despertos!
Com sonhos de melodia no fundo dos olhos abertos,
somos os muchopes de penas saudosas nos chapéus de lixo;
e zampunganas trágicos — xipócués vagos nas noites munhuanenses,
e mamparras coroados de esperança, e magaiças,
e macambúzios com seu shipalapala ecoando chamamentos...
No cais da cidade, somos os pachijas
e na Vida digna, somos aqueles que encontraram os lugares tomados,
somos os que não têm lugar na Vida, ah na Vida que se abre, luminosa,
com cada dia de pétala!

Nós somos aqueles que só na revolta encontram refúgio.
Que se deixam possuir, ébrios, pelo feitiço dos tambores,
nos batuques nocturnos da vingança,
somos aqueles que modelam sua dor de braços torcidos
no pau preto do Norte,
a dor deformadora que mais tarde despertará o desprezo e a incompreensão
nas prateleiras dos museus da civilização...

Somos os despojados, somos os despojados!
Aqueles a quem tudo foi roubado,
Pátria e dignidade, Mãe e riquezas e crenças, e Liberdade!

Até a voz da nossa Raça, da revolta dos nossos corpos tatuados,
nos foi roubada para embriaguez de vossos sentidos anêmicos,
arrastando-se nos bailes frios iluminados a electricidade...

Despojados, ficámos nus e trêmulos,
nus na objecta escravidão dos séculos...

Mas com o calor da chama eterna das nossas fogueiras acesas,
crepitando, rubras, sobre os dias e as noites,
com vaga-lumes de protesto, de gritos, de esperança!

— Agora, que sabes quem somos,
não nos exijas mais a ignomínia do "passe" das vossas leis!

6/9/1950

JUSTIFICAÇÃO

Se o nosso canto negro é simultaneamente
baço e ameaçador como o mar
em noites de calmaria;
se a nossa voz é rouca e agreste
só se abrindo em gritos de rebeldia;
se é ao mesmo tempo amarga e doce a nossa poesia
como suco de nhantsumas silvestres;
se é encovado e profundo o nosso olhar
rasgando-se impávido à luz do dia;
se são disformes e gretados nossos pés espalmados
de trilhar caminhos ingratos;
se a nossa alma se fechou para a alegria
e só dá hospedagem ao ódio e à revolta
— não nos culpes a nós, irmão vindo das ruas da cidade.

Que entre nós e o sol se interpuseram
grades feias de escravidão,
grades negras e cerradas a impedir-nos de tostar

de verdadeira felicidade,

Mas ai, irmão vindo das ruas da cidade!

Nosso firme sentido de justiça, nossa indómita vontade a nascer

nossa miséria comum vestida de sacas rotas e imundas,

nossa própria escravidão

serão o calor e o maçarico que fundirão

para sempre as grossas colunas que nos zebraram a vida inteira

e lhe arrancaram todo o jeito doce e inexprimível de vida.

22/7/1949

BIOGRAFIA

SE ME QUISES CONHECER

Para Antero

Se me quiseres conhecer,
estuda com os olhos bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.

Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica,

altiva e mística,
África da cabeça aos pés,
— ah, essa sou eu:

Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de África,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos dos muchopes
na rebeldia dos machanganas
na estranha melancolia se evolvendo
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que não sou mais que um búzio de carne,
onde a revolta de África congelou
seu grito inchado de esperança.

25/12/1949

POEMA DA INFÂNCIA DISTANTE

A Rui Guerra

Quando eu nasci na grande casa à beira-mar,

era meio-dia e o sol brilhava sobre o Índico.

Gaivotas pairavam, brancas, doidas de azul.

Os barcos dos pescadores indianos não tinham regressado ainda
arrastando as redes pejadas.

Na ponte, os gritos dos negros dos botes

chamando as mamas amolecidas de calor,

de trouxas à cabeça e garotos ranhosos às costas

soavam com um ar longínquo,

longínquo e suspenso na neblina do silêncio.

E nos degraus escaldantes,

mendigo Mufasini dormitava, rodeado de moscas.

Quando eu nasci...

— Eu sei que o ar estava calmo, repousado (disseram-me)

e o sol brilhava sobre o mar.

No meio desta calma fui lançada ao mundo,
já com meu estigma.

E chorei e gritei — nem sei porquê.

Ah, mas pela vida fora,
minhas lágrimas secaram ao lume da revolta.

E o Sol nunca mais me brilhou como nos dias primeiros
da minha existência,
embora o cenário brilhante e marítimo da minha infância,
constantemente calmo como um pântano,
tenha sido quem guiou meus passos adolescentes,
— meu estigma também.

Mais, mais ainda: meus heterogêneos companheiros
de infância.

Meus companheiros de pescarias
por debaixo da ponte,
com anzol de alfinete e linha de guita,
meus amigos esfarrapados de ventres redondos como cabaças,
companheiros nas brincadeiras e correrias
pelos matos e praias da Catembe
unidos todos na maravilhosa descoberta dum ninho de tutas,
na construção duma armadilha com nembo,
na caça às gala-galas e beija-flores,
nas perseguições aos xitambelas sob um sol quente de Verão...

— Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada,
solta e feliz:

meninos negros e mulatos, brancos e indianos,
filhos da mainata, do padeiro,
do negro do bote, do carpinteiro,
vindos da miséria do Guachene
ou das casas de madeira dos pescadores,
Meninos mimados do posto,
meninos frescalhotes dos guardas-fiscais da Esquadriha
— irmanados todos na aventura sempre nova
dos assaltos aos cajueiros das machambas,
no segredo das maçalas mais doces,
companheiros na inquieta sensação do mistério da "Ilha dos navios
perdidos"
— onde nenhum brado fica sem eco.

Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada
e boquiaberta de "Karingana wa karingana"
das histórias da cocuana do Maputo,
em crepúsculos negros e terríveis de tempestades
(o vento uivando no telhado de zinco,
o mar ameaçando derrubar as escadas de madeira da varanda

e casuarinas, gemendo, gemendo,
oh inconsolavelmente gemendo,
acordando medos estranhos, inexplicáveis
nas nossas almas cheias de xituculumucumbas desdentadas
e reis Massingas virados jibóias...]

Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação
dia a dia mais insatisfeita.

Eles me encheram a infância do sol que brilhou
no dia em que nasci.

Com a sua camaradagem luminosa, impensada,
sua alegria radiante,

seu entusiasmo explosivo diante

de qualquer papagaio de papel feito asa

no céu dum azul tecnicolor,

sua lealdade sem código, sempre pronta,

— eles encheram minha infância arrapazada

de felicidade e aventuras inesquecíveis.

Se hoje o sol não brilha como no dia

em que nasci, na grande casa,

à beira do Índico,

não me deixo adormecer na escuridão.

Meus companheiros me são seguros guias

na minha rota através da vida.

Eles me provaram que "fraternidade" não é mera palavra bonita escrita a negro no dicionário da estante:

ensinaram-me que "fraternidade" é um sentimento belo, e possível, mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante são tão diferentes.

Por isso eu CREIO que um dia
o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.

Gaivotas pairarão, brancas, doidas de azul
e os pescadores voltarão cantando,
navegando sobre a tarde ténue.

E este veneno de lua que a dor me injectou nas veias
em noite de tambor e batuque
deixará para sempre de me inquietar.

Um dia,

o sol iluminará a vida.

E será como uma nova infância raiando para todos...

29/4/50

SHIMANI

Sempre que eu recordo a casa à beira-mar da infância,
surgem-me teus olhos meigos de xipeia ferida,
aguados de humildade,
constantes como um remorso.

Lembras-te, minha amiga, da palhota do Guachene?

Nos meus braços egoístas de dona,
uma boneca sorria sempre, com seus olhos verdes de gato.
E nos teus braços sempre vazios, Shimani,
só ternura imensa e insaciada,
ternura verdadeira de mãe.

Teus olhos meigos de xipeia ferida,
com seu eterno brilho de resignação,
afagavam muito, longamente, quase com desespero,
a minha linda boneca loira.

Lembras-te?

Depois, era Natal

e o meu vestido de seda, aos folhos,
era uma das glórias do dia.

E o fogãozinho lindo que Papá deu,
e o anel de ouro que Padrinho trouxe,
e os lápis de cor trazidos pelo Sr. Romeu,
e os sapatos brancos que Mamã ofereceu?

E os bolos, o arroz doce,
e o leitão assado,
e as flores na mesa branca da sala de jantar?

Natal, Shimani, hoje é dia de Natal!

Tu foste à missa, como eu,
foste à missa, Shimani?

Shimani não foi à missa, não.

Shimani nem deve saber que hoje é dia de Natal,
porque não vestiu vestido de folhos.

Vestiu hoje o mesmo vestido de riscado de todos os dias,
roto e velho, comprado no monhé do bazar.

E veio descalça, sem presente nem nada.

Só com seus grandes olhos meigos de xipeia ferida,
no rosto luzidio, espetado no pescoço magro e longo.

Ah Shimani, naquele dia,
tu partilhaste do meu Natal.
E todos os natais após, tu continuaste a partilhá-los.

Mas agora? Agora?
Quem vai apagar essa lágrima permanente
do teu olhar de xipeia ferida,
constante como um remorso, teu olhar
que dói para além de qualquer comparação?

Ah Shimani, minha Shimani!

26/6/50

DEIXA PASSAR O MEU POVO

Para João Silva

Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
— certos e constantes —
vindos não sei eu donde.

Em minha casa de madeira e zinco,
abro o rádio e deixo-me embalar...

Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.

E Robeson e Marian cantam para mim
spirituals negros de Harlém.

"Let my people go"

— oh deixa passar o meu povo,
deixa passar o meu povo! —
dizem.

E eu abro os olhos e já não posso dormir.
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul
e não são doces vozes de embalo.

“Let my people go”!

Nervosamente,

eu sento-me à mesa e escrevo...

Dentro de mim,

deixa passar o meu povo,

"oh let my people go..."

E já não sou mais que instrumento

do meu sangue em turbilhão

com Marian me ajudando

com sua voz profunda — minha irmã!

Escrevo...

Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.

Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado

e revoltas, dores, humilhações,

tatuando de negro o virgem papel branco.

E Paulo, que não conheço,

mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de Moçambique,

e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaiças,

algodoais, o meu inesquecível companheiro branco

E Zé — meu irmão — e Saúl,

e tu. Amigo de doce olhar azul,

pegando na minha mão e me obrigando a escrever

com o fel que me vem da revolta.

Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,

enquanto escrevo, noite adiante,

com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio

— "let my people go

oh let my people go!"

E enquanto me vierem de Harlem

vozes de lamentação

e meus vultos familiares me visitarem

em longas noites de insônia,

não poderei deixar-me embalar pela música fútil

das valsas de Strauss.

Escreverei, escreverei,

com Robeson e Marian gritando comigo:

Let my people go,

OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!

25/1/50

POEMA PARA UM AMOR FUTURO

Um dia

— não sei quando nem onde —

das névoas cinzentas do futuro,

ele surgirá, envolto em mistério e magia

— o homem que eu amarei.

Não será herói de livro de fantasia,

príncipe russo

actor de cinema

ou milionário com saldo no Banco.

Não.

O homem que eu amarei

será tal qual eu, no fundo.

Suas mãos, como as minhas,

estarão calejadas do dia a dia

e seus olhos terão reflexos de aço

como os meus.

Sua alma será irmã minha

com a mesma angústia e o mesmo amor,

com o mesmo frio ódio e a mesma esperança.

E do seu pescoço estará suspenso, como do meu,
o marfim do mesmo amuleto.

Ah, ele será humano, como eu,
e da mesma seiva generosa.

Completamente humano e verdadeiro

— que só assim eu o poderei amar.

E só será perfeito quanto a nossa condição o permitir,
para que sejamos na vida o que ela nos pedir:

companheiros,

juntos na mesma barricada,

lutando num mesmo ideal.

Ah, sim,

quando a paz descer sobre o campo de luta,
poderei enfim

dar-me completamente.

Minha alma, finalmente,

poderá encher-se como um búzio, da música do luar
e do murmúrio do mar.

E meu corpo adubado de ânsias,
abrir-se-á à charrua do seu desejo,
à semente do seu amor.

Serei então irmã gêmea da Terra,
carregando em mim o mistério da vida,
machamba aberta à chuva benéfica
e ao sol fecundo do seu amor.

E quando em mim se fizer o milagre,
quando do meu grito de morte
surgir a vitória máxima da vida,
ah, então eu estarei completa.

Mas só depois da paz descer sobre o meu campo da luta,
antes disso, não.

Antes, seremos companheiros da mesma obra,
operários construindo o nosso mundo.

Por isso, amor que não conheço,
nada mais me peças enquanto não for terminada a obra.

Enquanto ela durar,
não poderei ser tua completamente,
porque me dei, inteira,
a este sonho que tudo apouca.

Para ti irão apenas os breves momentos de tréguas,
o calor que me sobrar da fogueira de todos.

Mas quando da noite desumana

surgir a manhã que construímos, lado a lado,
quando nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos
quando a calma descer sobre a casa que edificámos,
então seguiremos, na luz clara desse Sol maravilhoso,
nosso destino natural de Homem e Mulher
e dos seus gritos de morte
nossos filhos poderão nascer então,
num mundo de justiça.

.....

Para meu amor futuro, que me completará,
para esse amor distante
escrevi este poema.

Que tu o leias um dia, amor que não conheço,
quando me surgires, embrulhado em mistério,
e minha alma e meu corpo
palpitarem de reconhecimento — és tu!

Que aquele que amarei o leia
e me leia, neste poema que lhe escrevi.

12/2/50

POEMA

A Mana Irene, com admiração

Mãe:

Era noite e havia uma lua enorme,
como um balão enorme assoprado no ar,
quando me passou um grupo à porta,
um estranho grupo de olhos visionários,
sacudindo sacas esfarrapadas,
de pés gretados cobertos de lama dos caminhos
e bocas rasgadas entoando canções...

Um grupo estranho como eu nunca vi,
trazendo homens e mulheres e crianças.

E vinham de longe,
vinham mesmo do fundo da vida
que mo diziam suas bocas brandindo revoltas
que mo diziam suas canções salgadas de esperança
que mo diziam seus olhos onde visões selvagens coalharam.

Passou-me à porta este grupo banhado do luar
da morna noite de África.
E trouxe-me consigo todo um mundo esquecido
e recordações familiares
de palmares dormindo no fundo do pensamento
de visões verdes de bananais e fogueiras semi-extintas...
E um vento de monção as espevitou e sacudiu
e riscou relâmpagos nos céus negros do olvido...
E uma artéria estremeceu em mim
e logo todas as artérias palpitarão dolorosamente
e o sangue me aqueceu e borbulhou e gritou: IRMÃOS!

Mãe:

Por que foi que me encerraste na alvenaria
desse quarto fechado a todo o mundo,
por que me ergueste muros protectores
e me separaste de meus irmãos
e me vestiste de camadas de sedas
e me ataste fitas azuis no cabelo?

Porquê, Mãe?

Por que me defendeste no egoísmo do teu amor
e me afastaste do perigo do lá fora?

Oh, Mãe, por que me arrancaste à Vida?

O teu egoísmo transformou-me em cadáver
de laços no cabelo e vestidos de seda
e paredes de alvenaria servindo de jazigo...
E eu queria, oh queria ir, nua, no grupo estranho
que me passou à porta,
soltando ao luar canções salgadas de esperança
e cabeças se desgrenhando ao vento...
Queria rasgar as sedas nas piteiras dos caminhos,
endurecer os pés na lama "copulada" dos trilhos
despedaçar os laços dos cabelos aos ventos do Índico!

Mãe:

queria erguer minha voz doce e trêmula
junto ao corpo seguro, feito de mil clamores físicos,
do grupo maravilhoso que me passou à porta!
Queria derrubar meu jazigo de alvenaria
queria descer aos trilhos lamacentos,
queria sentir o aguilhão da mesma revolta,
queria sentir esse gosto indefinível de luta,
queria sofrer e gemer e lutar
para conquistar a Vida!

Oh Mãe!

Por que me roubaste tudo isto?

10/10/49

ESTE POEMA FOSSE

Se este poema fosse mais do que simples
sonho de criança...

Se nada lhe faltasse para ser total realidade
em vez de apenas esperança...

Se este poema fosse a imagem crua da verdade,
eu nada mais pediria à vida

e passaria a cantar a beleza garrida
das aves e das flores

e esqueceria os homens e as suas dores...

— Se este poema fosse mais do que mero
sonho de criança.

Ai o meu sonho...

Ai a minha terra moçambicana erguida
com uma nova consciência, digna e amadurecida...

A minha terra cortada em toda a sua extensão
por todas essas realizações que a civilização
inventa para tornar a vida humana mais feliz...

Luz e progresso para cada povoação perdida
no sertão imenso, escolas para as crianças,
para cada doente, a assistência da ciência consoladora,
para cada braço de homem, uma lida
honrada e compensadora,
para cada dúvida uma explicação,
e para os Homens, Paz e Fraternidade!

Ah, se este poema fosse realidade
e não apenas esperança!

Ah, se fosse o destino da nova humanidade
não mais me inquietaria e eu passaria
a cantar então a beleza das flores,
das aves, do céu, de tudo o que é futilidade
porque então a dor humana não existiria,
nem a infelicidade, nem a insatisfação,
na nova vida plena de harmonia!

29/5/49

INSTANTÂNEO

Na montra

a manta desdobrava-se, macia,
em cada dobra uma promessa terna
para teu corpo emergindo de farrapos de serapilheira.

Chovia.

Uma chuva fina, constante, fria.

E vultos rodavam à tua volta, perdidos na névoa,
tão distantes nas suas gabardinas
do desejo irresistível que te acorrentou à montra.

Teus pés descalços, cortados, calejados,
mergulhavam calmamente nas poças de água do passeio,
descansando do inferno causticante do cais,
e tuas enormes mãos de negro
encontraram aconchego inconsciente
no ninho quente dos braços cruzados.

Foi quando teu olhar se ergueu,
trazendo ainda gotas de reflexos maravilhados

da tentação da lã, tão perto,
quase ao alcance fácil das tuas mãos,
(só ao alcance verdadeiro dos teus olhos!)

Foi quando teu olhar se ergueu,
terrivelmente consciente,
com setas de acusação, de desespero, de raiva
(havia punhos cerrados, ranger de dentes, pragas mudas)
mas principalmente de raiva,
principalmente de raiva!

Foi quando teu olhar se ergueu,
terrível, de que fundos, de que universos perdidos?
e prendeu o meu.

Que morse estranho, novo, me transmitiu nesse breve segundo
toda a biografia da nossa raça?

No momento de Verdade,
perante a mensagem desesperada,
todo o meu sangue, desde a sua raiz mais antiga, estremeceu.

E desde essa tarde,
nunca mais dormi serenamente nas noites frias.

Teu olhar imenso como um universo de dor

persegue-me a toda hora, povoa-me todos os minutos.

Nunca mais descansei sobre os meus dias.

Dias que tornei cheios de poemas vividos,
nesta ânsia sem medida que nunca mais me abandonou
de transformar o teu olhar, irmão,
torná-lo uma realidade brilhante de alegria,
e principalmente sem raiva, sem raiva!

Dias que tornei cheios

levando o teu olhar a corações fechados de egoísmo
multiplicando sua mensagem pela cidade inteira,
levando insônias e remorsos a noites serenas,
levando tempestades de gritos e panfletos de miséria
a toda a parte!

Dias que transformei em dádiva,

para te criar um olhar novo, irmão —
um olhar sem raiva, principalmente sem raiva!

19/5/51

MUNHUANA 1951

PORQUÊ

Por que é que as acácias de repente
floriram flores de sangue?

Por que é que as noites já não são calmas e doces,
por que são agora carregadas de electricidade
e longas, longas?

Ah, por que é que os negros já não gemem,
noite fora,

Por que é que os negros gritam,
gritam à luz do dia?

CANÇÃO FRATERNA

Irmão negro de voz quente

o olhar magoado,

diz-me:

Que séculos de escravidão

geraram tua voz dolente?

Quem pôs o mistério e a dor

em cada palavra tua?

E a humilde resignação

na tua triste canção?

E o poço da melancolia

no fundo do teu olhar?

Foi a vida? o desespero? o medo?

Diz-me aqui, em segredo,

irmão negro.

Porque a tua canção é sofrimento

e a tua voz, sentimento

e magia.

Há nela a nostalgia
da liberdade perdida,
a morte das emoções proibidas,
e saudade de tudo que foi teu
e já não é.

Diz-me, irmão negro,
quem a fez assim...
Foi a vida? o desespero? o medo?

Mas mesmo encadeado, irmão,
que estranho feitiço o teu!
A tua voz dolente chorou
de dor e saudade,
gritou de escravidão e veio murmurar à minha alma em ferida
que a tua triste canção dorida
não é só tua, irmão de voz de veludo
e olhos de luar...
Veio, de manso murmurar
que a tua canção é minha.

1/12/48

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias...
Teus encantos profundos de África.

Mas não puderam.

Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedaste-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados

foste tudo, negra...

menos tu.

E ainda bem.

Ainda bem que nos deixaram a nós,

do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,

sofrimento,

a glória única e sentida de te cantar

com emoção verdadeira e radical,

a glória comovida de te cantar, toda amassada,

moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE.

25/7/49

IRMÃOZINHO NEGRO TEM UM PAPAGAIO DE PAPEL

O papagaio é de papel,
tem a cor viva do caju maduro
e é brilhante como o sol do poente.

O papagaio é de papel
e voa, voa para o céu

arrastado pelo vento...
e a longa cauda enfeitada
dança um bailado oriental, lento
como o serpentear da cobra mamba...

Irmãozinho negro de cabeça redonda
de umbigo saliente
e olhar curioso...

Irmãozinho negro de olhar curioso tem
o papagaio bem preso e seguro
pelo fio,

na mãozinha quente.

Irmãozinho negro é pobrezinho, não tem nada de seu...

Só o papagaio de papel

que voa, voa para o céu,

como um sol ou uma estrela...

Aí, irmãozinho negro é pobrezinho, mas também

sonha, também coitadinho!

Sonha que há-de ir além

ao céu, no papagaio que é como uma estrela...

E que há-de brincar com tanta coisa linda

que ele adivinha lá longe e nunca viu...

Aí, irmãozinho negro é pobrezinho,

não tem nada seu...

Só um papagaio de papel,

tão belo e brilhante como uma estrela cadente,

Um papagaio de papel q

ue voa, voa, voa,

e não leva consigo irmãozinho negro.

30/6/49

LIÇÃO

Ensinaram-lhe na missão,
quando era pequenino:
"Somos todos filhos de Deus; cada Homem
é irmão doutro Homem!"

Disseram-lhe isto na missão,
quando era pequenino,

Naturalmente,
ele não ficou sempre menino:
cresceu, aprendeu a contar e a ler
e começou a conhecer
melhor essa mulher vendida
— que é a vida
de todos os desgraçados.

E então, uma vez, inocentemente,
olhou para um Homem e disse "Irmão..."

Mas o Homem pálido fulminou-o duramente
com seus olhos cheios de ódio
e respondeu-lhe: "Negro".

LM 27/5/49

PATRÃO

Ao Saúl Sende

Patrão, patrão, oh meu patrão!
Por que me bates sempre, sem dó,
com teus olhos duros e hostis,
com tuas palavras que ferem como setas,
com todo o teu ar de desprezo motejador
por meus actos forçadamente servis,
e até com a bofetada humilhante da tua mão?

Oh, mas porquê, patrão? Diz-me só:
que mal te fiz?
(Será o ter eu nascido assim com esta cor?)

Patrão, eu nada sei... Bem vês
que nada me ensinaram,
só a odiar e a obedecer...
Só a obedecer e a odiar, sim!

Mas quando eu falo, patrão, tu ris!
e ri-se também aquele senhor
patrão Manuel Soares do Rádio Clube...
Eu não percebo o teu português,
patrão, mas sei o meu landim,
que é uma língua tão bela
e tão digna como a tua, patrão...
No meu coração não há outra melhor,
tão suave e tão meiga como ela!
Então por que te ris de mim?

Ah patrão, eu levantei
esta terra mestiça de Moçambique
com a força do meu amor,
com o suor de meu sacrifício,
com os músculos da minha vontade!
Eu levantei-a, patrão
pedra por pedra, casa por casa,
árvore por árvore, cidade por cidade,
com alegria e com dor!
Eu a levantei!

E se o teu cérebro não me acredita,

pergunta à tua casa quem fez cada bloco seu,
quem subiu aos andaimes,
quem agora limpa e a põe tão bonita,
quem a esfrega e a varre e a encera...

Pergunta ainda às acácias vermelhas e sensuais
como os lábios das tuas meninas,
quem as plantou e as regou,
e, mais tarde, as podou...

Perguntas a todas a essas largas ruas citadinas,
Simétricas e negras e luzidias
quem foi que as alcatroou,
indiferente à malanga de sol infernal...
E também pergunta quem as varre ainda,
manhã cedo, com a cacimba a cobrir tudo...

Pergunta quem morre no cais
todos os dias — todos os dias —,
para voltar a ressuscitar numa canção...
E quem é escravo nas plantações de sisal
e de algodão,
por esse Moçambique além...

O sisal e o algodão que hão-de ser "pondos" para ti
e não para mim, meu patrão...

E o suor é meu,
a dor é minha,
o sacrifício é meu,
a terra é minha
e meu também é o céu!

E tu bates-me, patrão meu!
Bates-me...
E o sangue alastra, e há-de ser mar...
Patrão, cuidado,
que um mar de sangue pode afogar
tudo...até a ti, meu patrão!
Até a ti...

14/6/49

MAGAÍÇA

A manhã azul e ouro dos folhetos de propaganda
engoliu o mamparra,
entontecido todo pela algazarra
incompreensível dos brancos da estação
e pelo resfolegar trepidante dos comboios,
tragou seus olhos redondos de pasmo,
seu coração apertado na angústia do desconhecido
sua trouxa de farrapos
carregando a ânsia enorme, tecida
dos sonhos insatisfeitos do mamparra.

E um dia,
o comboio voltou arfando, arfando...
oh Nhanisse, voltou!
E com ele, magaíça,
de sobretudo, cachecol e meia listrada
é um ser deslocado,
embrulhado em ridículo.

As costas — ah, onde te fitou a trouxa de sonhos, magaiça? —
trazes as malas cheias do falso brilho
dos restos da falsa civilização do compound do Rand.
E na mão,
Magaiça atordoado acendeu o candeeiro,
à cata das ilusões perdidas,
da mocidade e da saúde que ficaram soterradas,
lá nas minas do Jone...

A mocidade e saúde,
as ilusões perdidas
que brilharão como astros no decote de qualquer lady
nas noites deslumbrantes de qualquer City.

7/1/1950

ZAMPUNGANA

Ó noite, minha mãe carinhosa
com tua quente capulana negra!

Ai embrulha-me bem, noite,
ai embrulha-me tão bem,
que só tu e mais ninguém
sejas testemunha da minha humilhação.

Torna-me sombra anônima e irreconhecível,
apaga os lumes que acendeste no céu,
diz à nossa irmã lua que se esconda e não me olhe tanto
com seu doce rosto horrorizado...

Que só tu fiques, noite, só tu,
silenciosa, compreensiva,
com tua capulana negra tudo encobrindo.

E deixa deslizar, sombra ou xipócué,
pelos caminhos perdidos das Munhuanas...

Que só tu me vejas, só tu me sigas,
passo a passo, cúmplice e material,

enquanto cumprir meu destino irremediável de besta humana.

E eu sombra, e eu fantasma, e eu animal,

de latrina em latrina,

arrepinado até às raízes da alma,

vômitos de náusea recalçados

[e a revolta subindo em maré cheia, subindo]

carregarei à cabeça, enlouquecido,

as latas de excrementos, excrementos, excrementos!

O noite, ó minha mãe,

oh cobre-me tu com tua capulana de ternura...

oh acalenta-me com tua escuridão de abraço...

e diz-me que há infelicidade maior

e mostra-me que há degradação pior

do que esta minha humilhação sem nome...

Em meu corpo,

o odor nunca findo dos excrementos

carregados em gesto que nunca será maquinal.

Em minha alma,

sempre o arrepio do horror

do meu próprio asco dia a dia renovado.

Zampungana me chamam meus irmãos

com seus rostos negros amarrados de enjoo,
E até as mais baixas mulheres me recusam,
e até os cães me ladram,
até as crianças me têm medo
e até a vida me repudia!

Eu, só excremento,
Minhas mãos, meu corpo, meus olhos, meu dinheiro,
minha vida,
ai excremento, excremento, excremento!

Zampungana me chamam...
Mas também sou um homem, noite,
também tenho direito à vida aberta a todos se ofertando,
também sofro o peso da mesma escravidão,
também me revolto contra este destino que me deram,
também quero sentir cegar-me com seu forte clarão
essa luz maravilhosa que está nascendo para todos
essa luz radiosa e libertadora que nem sei donde vem
nem nunca vi,
mas que adivinho diferente de todas as outras!

19/8/49

CAIS

O cais é um gigante
sugando esforços, violentamente...

O cais negro e chispante
é a nossa vida e o nosso inferno.

Sobre os nossos ombros potentes, retesados,
o suor rasgou nascentes
e abriu leitões entre os nossos músculos encordoados...

E "aí, pachiça", os fardos pesados
como o mundo.

Multiplicam-se e crescem espantosamente,
cada vez mais...

Só o suor viscoso e abundante,
só o suor
que nos banha o dorso e o torna brilhante
como bronze brunido,
nos alivia, como se consolador

choro de lágrimas fosse...

Nos nossos olhos cansados,

há desesperos e revoltas.

E com um último gesto esfarrapado de esperança, interrogamos ansiosamente o mar.

Mas o mar — ai! o mar — continua fechado

à inquieta interrogação do nosso olhar...

E os fardos, sempre mais pesados...

E sol, como um milhão

de agulhas picando nosso dorso luzente

de suor...

nada mais.

Mar:

Se tu nos abandonaste nesta hora,

quem nos dará, agora,

coragem, mar?

Quem nos emprestará força e esperança

para continuar?

Ah! Só tu, canção sem fim

dos desesperados,

só tu, voz da nossa alma!

Ergue-te a pino,
ergue-te a prumo sobre o pó, canção,
sobre o caos infernal, sobre os fardos nunca findos,
sobre o egoísmo da cidade cruel e imensa, dormindo
ao Sol — farta e contente —,
sobre o velho mar cansado,
sobre o mundo, sobre a vida...

E canta!

Cada vez mais forte,
canta a canção escrava do nosso destino!
Abafando todos os ruídos,
alheio a todas as fraquezas,
canta, coração!

Canta, canção dorida!

Canta!

L. Marques 21/3/49

MOÇAS DAS DOCAS

a Duarte Galvão

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço.

Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,

viemos do outro lado da cidade

com nossos olhos espantados,

nossas almas trancadas,

nossos corpos submissos escancarados.

De mãos ávidas e vazias,

de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,

de corações amarrados de repulsa,

descemos atraídas pelas luzes da cidade,

acenando convites aliciantes

como sinais luminosos na noite,

Vemos...

Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,

do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,

do doer de espádua todo o dia vergadas
sobre sedas que outras exibirão,
dos vestidos desbotados de chita,
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato fiel do que passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.

Vimos...

E para além de tudo,
por sobre Índico de desespero e revoltas,
fatalismos e repulsas,
trouxemos esperança.

Esperança de que a xituculumucumba já não virá
em noites infindáveis de pesadelo,
sugar com seus lábios de velha
nossos estômagos esfarrapados de fome,
E viemos.

Oh sim, viemos!

Sob o chicote da esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulharam com carinho marítimos nômadas de outros portos,
saciaram generosamente fomes e sedes violentas...

Nossos corpos pão e água para toda a gente.

Vimos...

Ai mas nossa esperança

venda sobre nossos olhos ignorantes,

partiu desfeita no olhar enfeitiçado de mar

dos homens loiros e tatuados de portos distantes,

partiu no desprezo e no asco salivado

das mulheres de aro de oiro no dedo,

partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre

substituindo as de prata,

partiu na indiferença sombria de caderneta...

E agora, sem desespero nem esperança,

seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade...

E regressaremos,

Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,

rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool,

voltaremos aos telhados de zinco pingando cacimba,

ao sem sabor do caril de amendoim

e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais insuportável...

Mas não é a piedade que pedimos, vida!

Não queremos piedade
daqueles que nos roubaram e nos mataram
valendo-se de nossas almas ignorantes e de nossos corpos macios!
Piedade não trará de volta nossas ilusões
de felicidade e segurança,
não nos dará os filhos e o luar que ambicionávamos.
Piedade não é para nós.

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
com dignidade
e formos novamente mulheres!

APELO

Quem terá estrangulado a tua voz cansada
de minha irmã do mato?

De repente, seu convite à acção
perdeu-se no fluir constante dos dias e das noites.
Já não me chega todas as manhãs,
fatigada da longa caminhada,
quilômetros e quilômetros sumidos
no eterno pregão: "MACALA"!

Não, já não me vem, molhada ainda da cacimba,
ajoujada de filhos e de resignação...

Um filho nas costas e outro no ventre
— Sempre, sempre, sempre!

E um rosto resumido no olhar sereno,
um olhar que não posso recordar sem sentir
minha pele e meu sangue desfraldarem-se, trêmulos,
palpitando descobrimentos e afinidades...

— Mas quem terá proibido seu olhar imenso

de vir alimentar-me esta fome de fraternidade
que minha mesa pobre não consegue nunca saciar?

lô mamanê, quem terá fuzilado a voz heróica
de minha irmã do mato?

Que desconhecido e cruel cavalo-marinho
a terá fustigado até matá-la?

— A seringueira do meu quintal está florida.

Mas há um mau presságio em suas flores roxas,
em seu perfume intenso, bárbaro;

e a capulana de ternura que o sol estendeu
sobre a leve esteira de pétalas

aguarda desde o verão que o filhinho de minha irmã
se venha nela deitar...

Em vão, em vão,

e um chirico canta, canta, poisando no caniço do quintal,

para o filhinho de minha irmã,

para o filhinho de minha irmã ausente,

vítima das madrugadas nevoentas do mato.

Ah, eu sei, eu sei: da última vez, havia um brilho
de adeus nos olhos ternos,

e a voz era quase um sussurro rouco,

desesperado e trágico...

Ó África, minha mãe-terra, diz-me tu:

Que foi feito de minha irmã do mato,

que nunca mais desceu à cidade com seus filhos eternos

(um nas costas, outro no ventre),

com seu eterno pregão de vendedora de carvão?

Ó África, minha mãe-terra,

ao menos tu não abandones minha irmã heróica,

perpetua-a no monumento glorioso dos teus braços!

21/5/51

SAMBA

ao Ricardo, lembrança da noite de 19/11/49

[lembras-te?] que passámos no Brasil...

No oco salão de baile
cheio das luzes fictícias da civilização
dos risos amarelos
dos vestidos pintados
das carapinhas desfrisadas da civilização
o súbito bater de jazz
soou como um grito de libertação,
como uma lança rasgando o papel da celofane das composturas forçadas.
Depois,
veio o som grave do violão
a juntar-lhe o quente latejar das noites
de mil ânsias de Mãe-África,
e veio o saxofone
e o piano
e as maracas matraqueando ritmos de batuque,

e todo o salão deixou a hipocrisia das composturas encomendadas e vibrou.

Vibrou!

As luzes fictícias deixaram de existir.

E quem foi que disse que não era o luar dos xingombelas, aquela luz suave e quente que se derramou no salão?

Quem disse que as palmeiras e os coqueiros,

os cajueiros,

os canhoeiros,

não vieram com suas silhuetas balouçantes

rodear o batuque?

Ah, na paisagem familiar,

os risos se tornaram brancos como mandioca

os requebros na dança traziam a febre primitiva

de batuques distantes,

e os vestidos brilhantes da civilização desapareceram

e os corpos surgiram vitoriosos,

sambando e chispando,

dançando, dançando...

Oh ritmos fraternos do samba,

trazendo o feitiço das macumbas,

o cavo bater das marimbas gemendo

lamentos despedaçados de escravo,
oh ritmos fraternos do samba quente da Baía!
Pegando fogo no sangue inflamável dos mulatos
fazendo gingar os quadris dengosos das mulheres, entornando sortilégios e
loucura
nas pernas bailarinas dos negros...

Ritmos fraternos do samba,
herança de África que os negros levaram
no ventre sem sol dos navios negreiros
e soltaram, carregados de algemas e saudade,
nas noites mornas do Cruzeiro do Sul!

Oh ritmos fraternos do samba,
acordando febres palustres no meu povo
embotado das doses do quinino europeu...

Ritmos africanos do samba da Baía,
com maracas matraqueando compassos febris
— Que é que a baiana tem, que é —
violões tecendo sortilégios xicuembos
e atabaques soando, secos, soando...

Oh ritmos fraternos do samba!
Acordando o meu povo adormecido à sombra dos embondeiros,
dizendo na sua linguagem encharcada de ritmos

que as correntes dos navios negreiros não morreram não,
só mudaram de nome,

mas ainda continuam,
continuam,
os ritmos fraternais do samba!

23/11/1949

O HOMEM MORREU NA TERRA DO ALGODÃO

ao Fonseca Amaral

Na terra do algodão
a vida foi-se no sangue jorrado
da boca em rictos de amargura
e desilusão
a vida foi-se no sangue jorrado...

Mas o algodão continuou
a florir todos os anos em beleza e brancura...
suas neves nuvens sedosas
ainda mais brancas se tornaram,
mais brancas que a lua
brancas, cruelmente brancas, de brancura luminosa e pura, sem mistura...

A vida foi-se no sangue jorrado...

E nem o sangue jorrado

veio tingir num grito de revolta e dor
a brancura tão pura
das nuvenzinhas de algodão!
Nem o sangue jorrado...

Toda a noite, todo o dia
o vento passa
e repassa
sonolento e pesado calor
abanando com doçura
a cabeça macia
das alvas plantas de algodão...
E nem o sangue jorrado...
Mas vem aí a madrugada,
vem aí o sol sangrento da madrugada,
entornar o vermelho forte do sangue dos homens bons
sobre a terra amaldiçoada dos tiranos...

E as bolas macias do algodão
vão embeber-se todas, com volúpia;
Do vermelho do sangue jorrado
da boca do homem que morreu escravizado
na terra negra do algodão...

E vão ficar rubras, rubras, em sangue ensopadas, as nuvenzinhas brancas,
brancas do algodão!

E falarão

da escravidão sem fim dos homens bons

de rosto inocente e cabeças vergadas

que morreram assassinados na terra do algodão!

26/6/1949

DIA A DIA

Dia a dia,
o pulso à roda de tudo
se aperta mais e mais...

Dia a dia,
grades e grades se forjam
tapando o sol de toda a gente.

Dia a dia,
do fundo da noite em que nos estorcemos
mais e mais se sente
a certeza radiosa duma esperança...

2/11/49

LIVRO DE JOÃO

POEMA

ao J.M.

Aqui tens o meu poema, irmão.

Meu poema insuficiente e baço,

palavras, sangue, emoção,

grito que se soltou do fundo das veias

e ficou pairando feito estandarte...

— meu poema fogueira de negros solitários

acesa à beira da mata em noite de frio e escuridão,

meu poema seta e azagaia para os combates da vida

meu poema alma mulata amassada em dor e revolta,

marcada a ferro e fogo desde subterrâneos desconhecidos

meu poema mão aberta estendida para o mundo

meu poema fraterno, torturado,

aí meu poema solitário, insuficiente e baço,

aqui o tens, irmão.

E é todo ele para ti,
irmão branco de olhos escancarados
para os Zambezes de misérias e injustiças correndo em caudal
por esse mundo fora...

Porque desde que te levaram, irmão,
desde que te amordaçaram
e te manietaram
e te isolaram
— a ti, filho do povo, irmão das multidões! —
desde que te levaram,
a vida abriu a boca de espanto
e a catedral do céu ficou aguardando suspensa
o retorno de reboar desse órgão mil vezes humano
que é o som feroz da tua voz imensa
gritando nosso grito erguido em archote contra a noite conformista,
da cidade egoísta,
ficou aguardando o som inesquecível da tua voz irmã
seta envenenada disparada contra o alvo branco da tirania,
da violência, da opressão e da cobardia!
desde que te levaram...

E até nossa irmã a lua se escondeu arrepiada

nas dobras imensas da capulana negra da noite sem estrelas
e até são cada vez mais tristes, mais escravas, mais fatalistas,
as canções suadas dos xibalos no cais
e até a cidade perdeu seu ar de ansiedade
por essa manhã próxima que teu grito estandarte prometia
e até os jovens nossos irmãos caminham de olhos amarrados ao chão
com receio de erguer suas balas iluminadas
e até as correntes invisíveis que arrastamos
se multiplicaram e engrossaram mais
— tudo desde que te levaram...

Apesar de tudo, irmão,
companheiro querido de todas as lutas,
nada conseguirá quebrar nossa marcha firme para o futuro.

Nada!

E não consentiremos que se abafe teu grito humano,
recortado em revolta e esperança;
não deixaremos que sejam cruelmente amputadas
tuas mãos abertas e estendidas;
não assistiremos impassíveis ao esvaziar frio
de teus olhos compreensivos;
e perante o roubo mil vezes brutal que nos fizeram de ti,
da tua alma rubra de lutador

não nos quedaremos inactivos!

Lutaremos, irmão!

E mesmo ausente, emparedado embora,

tu estarás ao nosso lado, cá fora,

Estarás em nós,

em nossos pensamentos, em nossos actos,

em nossas palavras...

E estarás também em cada rebento novo e ténue

de cada canhoeiro de cada mata,

em cada choro aflito de cada criança

lançada ao mundo em cada esteira de cada palhota

de cada aldeia

em cada ventre inchado de miséria

de cada mufana de olhos esgazeados

em cada injustiça sofrida de olhos baixos,

em cada chicotada, em cada esperança,

em cada assomo de revolta,

em cada elo de cada cadeia,

em cada ano de seca

em cada ano de fome,

Ah, irmão branco, mesmo ausente

tu estarás sempre presente
na vida dura que nos rodeia.
Embora de olhos húmidos,
embora de lábios trêmulos,
embora de vozes enrouquecidas,
embora de corações sangrando,
— nós ressurgiremos, irmão!
E continuaremos tua luta ingente,
continuaremos tua luta gigantesca,
de dentes cerrados e punhos fincados,
tua luta tremenda para a conquista da vida.

Continuaremos...

E nossas vozes triunfais quebrarão as grades,
pedra por pedra demolirão as paredes em que te isolaram,
nossas vozes tambor ressoarão noite e dia,
sem parar,
e irão falar-te, através de tudo,
da vida viva que não pára nunca,
da luta que prossegue sempre, cada vez mais firme,
cada vez mais certa
no caminho sagrado que nos indicaste,

Lutaremos, irmão!

Ah, lutaremos!

10/9/1949

DESCOBRIMENTO

ao J. Mendes

Quando a tua mão macia e serena de branco
se estendeu fraternalmente para mim
e através de Índico de preconceitos
apertou com carinho meus dedos mulatos enclavinhados;
quando teus olhos inchados de compreensão
pousaram no mapa doloroso do meu rosto de África;
quando a piroga de teu amor se fez ao mar
e veio aportar ao meu peito ensanguentado e céptico;
ah, quando a tua voz doce e fresca como um lanho
me trouxe a bandeira branca da palavra "IRMÃ",
é que eu senti, profunda como um selo em brasa
verrumando a carne,
a força terrível e única do nosso abraço fraterno,
a inquebrável cadeia das nossas mãos enfim juntas,
a indestrutível resistência da muralha erguida
por nossas maravilhosas juventudes unidas.

Ah, amigo, quando a tua mão é certa e serena de branco
procura o desespero da minha mão sem rumo...

5/10/49

CARTA

ao J. M.

Companheiro branco
desterrado no bojo negro de um navio
a caminho de portos desconhecidos e hostis:
Quero trazer-te com meu poema
um sorriso da nossa terra estranha
mãe negra submissa e doce,
embalando às costas seus filhos de todas as raças...
Quero que lá nessas paragens longínquas,
perto dessa multidão anônima e distante
— dessa multidão branca e diferente —
sintas que teus irmãos te não abandonaram,
que continuam de lanças na mão,
peito aberto a todos os combates de rua.

Companheiro branco,
de sorriso de abraço,

de olhos claros de esperança...

Não queremos que te fiques no caminho,

vencido e cansado, sem um carinho...

Que tu mesmo nos ensinaste

que Povo é sempre Povo, em qualquer pedaço do mapa!

Portanto, que importa que estejas cá ou lá,

se a luta é a mesma em toda a parte?

Só nós poderemos ranger os dentes

e fechar os punhos,

só nós podemos gritar e revoltar-nos

porque fomos roubado!

Porque nos roubaram o nosso irmão mais velho;

aquele que conhecia todos os trilhos abertos na mata

— os melhores e os piores...

Aquele que não receava as mambas dos caminhos,

que trazia o archote na mão

e era mais valente que todos os soldados juntos

do chefe Maguiguana...

Aquele que nós amávamos,

aquele irmão branco

que afinal não era branco nem negro,

porque era simplesmente irmão!

Ah companheiro branco,

mandamos-te com este poema a nossa alma em gratidão... Mas tu, volta depressa!

Regressa aos nossos braços famintos,

vem espreitar com tua dura palavra de lutador

o lume da fogueira que acendeste naquela noite fria,

quando nos estendeste tua mão aberta de jovem

e nos trouxeste a luminosa certeza da nossa redenção!

24/10/49

GRITO

ao irmão *J.M.*

Neste anoitecer sangrento de Moçambique
chega-me, segura, a tua voz irmão,
inchada pela distância e pela saudade...
Misturada com os cantos escravos dos negros
regressando do trabalho,
chega-me de longe a tua voz fraterna,
nítida como a lua cheia no espaço,
trazendo-me a mensagem da tua palavra afiada de lutador,
a esperança sempre renovada
de teus olhos iluminados prometendo madrugadas maravilhosas
— ah irmão, quando, quando?
todo o teu rosto vibrando entusiasmos incontidos...

Neste anoitecer tenebroso de Moçambique,
com gemidos de vencidos ameaçando arrasar tudo,
chega-me a tua voz brilhando no escuro

como a estrela d'alva da lenda...

E é estranho como o teu grito, aumentado
em vez de diminuído pela distância,
é mais forte que as vozes submissas,
como as esmaga e as afoga,
como parece mesmo de ferro
quebrando as correntes que alastram cada vez mais...

Ah irmão,

neste anoitecer decisivo e sinistro de Moçambique,
não me abandones!

Manda-me sempre a tua voz de abraço
animando-me a lutar contra os bayetes amolecidos dos landins,
dia a dia mais numerosos...

Como outrora, ai ajuda-me a lutar irmão!

Que a minha alma é maré cheia de lágrimas recalcadas
desde que te arremessaram para a incerteza
do bojo negro dum navio fantasma...

E depois de teres dirigido meus olhos para a incomparável beleza
das estrelas reais, uma a uma nascendo lá fora,
na noite imensa da ansiedade,
— não quero mais a mentira nua das falsas missangas de cor

imitando astros

com que me querem burlar os tiranos de olhar vesgo

e enormes mãos antropófagas gotejando sangue!

Cotejando o teu sangue ainda quente, irmão...

17/10/49

UM DIA

Quando este nosso Sol ardente de África
nos cobrir a todos com a bênção do mesmo calor,
quero ir contigo, amigo,
de mãos dadas, deslumbrados,
pelos trilhos abertos da nossa terra estranha,
adubada com sangue e suor de séculos...

Nas machambas,
o ruído repercutido de tractor
soará como uma canção de triunfo.
Nas matas,
as tutas já não serão aves apenas
e no centro da vida,
nosso irmão negro, quebradas as grilhetas,
celebrará seu segundo nascimento
num batuque diferente de todos os outros...

Uma luz clara e doce se abrirá para todos

e nós iremos de mãos dadas,
amigo,
pelos trilhos verdes de Moçambique.

Na noite,
não mais soluçarão, estertoradas,
canções marimbadas por irmãos naufragados
(ô mamanô! ô tatanô!),
não mais a acusação muda dos olhos precoces
de crianças de ventres empinados
não mais jaulas erguidas para os inconformistas
gritando gritos de sangue
através de tudo!

Não mais, noite...
E nós iremos de mãos dadas,
amigo,
pelos trilhos abertos de Moçambique,
mergulhados no clarão eterno do dia infindável.

24/10/1949

POEMA DE JOÃO

João era jovem como nós.

João tinha os olhos despertos,
os ouvidos bem abertos,
as mãos estendidas para a frente,
a cabeça projectada para amanhã,
a boca a gritar "não" eternamente...

João era jovem como nós.

João amava a arte, a leitura,
amava a Poesia de Jorge Amado,
amava os livros que tinham alma e carne,
que respiravam vida, luta, suor, esperança...

João sonhara com Zambezes de livros derramando cultura para a
humanidade, para os jovens nossos irmãos,

João lutou para que todos tivessem livros...

João amava a leitura.

João era jovem como nós.

João era pai, era mãe e irmão das multidões.

João era sangue e suor das multidões

e sofria e era feliz com as multidões.

Sorria o mesmo sorriso cansado das raparigas saindo das lojas,

sofria com a passividade das mamas do mudende,

gemia com os negros amarrados ao cais,

sentia o sol picando como piteiras aos meios dias dos pachiqas,

arengava com os chinas nas bancas do bazar,

vendia com os monhés o verde desbotado das hortaliças,

chorava com Marian Anderson spirituals vindos de Harlém

bamboleava-se com as marimbas dos muchopes aos domingos,

gritava com os revoltados seu grito de sangue,

era feliz sob a carícia da lua branca como mandioca,

cantava com os xibalos suas canções saudosas de tudo,

e esperava com a mesma ansiedade de todos

pelas madrugadas deslumbrantes que têm uma boca

e cantam!

João era sangue e suor das multidões,

João era jovem como nós.

João e Moçambique confundiam-se.

João não seria João sem Moçambique.

João era como que um coqueiro, uma palmeira,

um pedaço de rocha, um lago Niassa, uma montanha,
um Incomãti, uma mata, uma maçaleira,
uma praia, um Maputo ou um Índico...

João era parte integrante e profunda de Moçambique.

João e Moçambique confundiam-se

e João era jovem como nós.

João queria viver, queria conquistar a vida,

E por isso odiava as jaulas, as gaiolas, as grades,

E odiava os homens que as fizeram.

Porque João era livre,

João era uma águia e nascera para voar.

Ah, João odiava as jaulas e os homens que as fizeram,

e João era jovem como nós.

E porque João era jovem como nós,

e tinha os olhos bem despertos,

e amava a Arte, a Poesia e Jorge Amado,

e era sangue e suor das multidões,

e se confundia com Moçambique,

e era uma águia que nascera para voar,

e odiava as jaulas e os homens que as fizeram,

e porque João era jovem e ardente como nós,

ah, por isso tudo, perdemos João.

Perdemos João!

Ah, por isso perdemos João,
por isso gritamos noite e dia por João,
por João que nos roubaram.

E perguntamos:

Mas por que nos levaram João,
João que era jovem e ardente como nós,
João sedento de vida,
João que era irmão de todos nós?

Por que nos roubaram João
que falava de esperanças e madrugadas,
João que tinha olhar de abraço de irmão,
João de palavra forte e dura como uma lança,

João que tinha sempre alojamento para qualquer de nós, João que era nossa
mãe e nosso pai,

João que seria Cristo por nós,
João que nós amávamos e amamos,
João que é tão nosso?

Oh por que nos roubaram João?

E ninguém responde,
friamente ninguém responde.

Mas nós sabemos, do fundo de tudo,
porque nos levaram João...
João tão nosso irmão!

Mas que importa? Que importa?
Julgam que o roubaram, mas João está connosco,
está nos outros que virão,
está nos que já estão vindo,
Porque João não é só,
João é multidão,
João é sangue e suor de multidões,
E João, sendo João, também é Joaquim, José,
Abdula, Fang, é Mussumbuluco, é Mascarenhas Omar, Vutang, Fabião...
João é multidão, sangue e suor de multidão...

E quem poderá levar José, Joaquim, Abdula,
Fang, Mussumbuluco, Mascarenhas, Omar, Fabião?
Quem?
Quem poderá levar-nos todos e fechar-nos todos numa jaula?

Ah, roubaram-nos João,
mas João somos nós todos,
por isso João não nos abandonou...

E João não "era", "é" e "será".

porque João somos nós, nós somos multidão,
e multidão,

— quem pode levar multidão e fechá-la numa jaula?

L.Marques 20/9/49

SANGRE NEGRO

POESIA, NÃO VENHAS!

Poesia:

Por que vieste hoje,
precisamente hoje, que não te posso receber?

Hoje,
em que tudo tem uma cor
de pesadelo e em que até minha irmã a lua
não veio, com a sua carícia fraterna, dar-me calma?

Oh Poesia,
não, não venhas hoje!

Não vês que a minha alma
não te pode compreender?
Que está fechada,
cercada, fatigada,
e nada mais quer
senão chorar?

Hoje, eu só saberia cantar

a minha própria dor...

Ignoraria

tudo o que tu, Poesia,

me viesses segredar...

E a minha dor,

que é a minha dor egoísta e vazia,

comparada aos sofrimentos seculares

de irmãos aos milhares?

Bem sei que as minhas frouxas lágrimas

nem o mais humilde poema valeriam...

E se tu sabes que é assim, oh! Poesia!

será melhor que fiques lá onde estás,

e não venhas hoje, não!

21/4/49

SOLIDÃO

para Erico Cantro

Oh solidão, não me leves por teus caminhos sombrios,
longos, longos, como braços de fome
dos dias em que secaram os rios.

Enoja-me o contacto viscoso das asas negras
dos morcegos que me roçaram o rosto.

E os céus longínquos, vazios,
saídos dum quadro surrealista de Dali
donde as estrelas desesperadas se precipitaram
— são-me hostis como o cinturão do matangulana.

Solidão, tudo me assusta em ti
e me causa arrepios.

Tu dizes: no fim do caminho longo, longo,
— ou mesmo no meio —

estará o lago parado, rodeado de espiritualidade.

Sim, o lago musical, com nenúfares brancos colados

à superfície lisa da lua estagnada.

Do fundo das águas, as estrelas afogadas
sorrirão tristemente para ti.

E sussurros de Debussy,
doces, doces, subirão para o ar envolventes e mornos.

Solidão, o teu caminho é longo, sombrio,
bordejado de silhuetas desoladas de casuarinas,
no seu constante assobio.

E eu não quero os encantos calmos do fim
da tua lagoa maravilhosa, adormecida desde o começo de tudo.

Nem sussurros prateados de Debussy,
nem gemidos de casuarinas, nem fantasmas de estrelas.

Quero esta maré indica de irmãos,
vazando e enchendo à minha volta, a toda a hora,
sempre viva, humana, presente!

Quero este calor sem igual

que me vem de cada palavra, de cada aperto de mão, das botas cambadas e
rotas de Charlot,

de cada presença fraternal!

Quero a música dos tantãs,
seu chamamento insensível e quente,

gargalhadas brandas rasgando a virgindade das manhãs,
risos imensos como este nosso céu de Moçambique,
— Quero o som único das marimbas chopes,
o feitiço estranho da viola cheia de xicuembo do Daíco,
armada toda em poesia,
vazando lágrimas coloridas de melodia
pelos becos nocturnos da Munhuana!

Este é o caminho que eu quero, humano vasto,
esta é a música que eu amo, germinada em revolta e nostalgia

Solidão, fica-te tu com teu troféu morto
de impis perdidas e desalentos.

Eu irei pelos caminhos povoados,
altiva e presente.

26/5/50

POEMA PARA RUI DE NORONHA

No aniversário da sua morte

Nas matas selvagens da nossa terra natal,
os trilhos abertos a golpes de catana
tomaram uma direcção emocionantemente nova,
única e imutável.

Caminho com picos, ah sim, com espinhos,
mas caminho para nossos pés lanhados,
levando-nos para lá, Poeta...

Ante os novos horizontes abertos em dádiva,
nossas almas passivas aprendem a querer
com força, com raiva,
e se erguem, guerreiras, para a dura luta
e as bocas são uma linha forte e cerrada
no seu não decisivo como sentinela alerta.

Rui de Noronha,
nesta nova África de certezas e forças restauradas,

no meio dos "paixões" e das bebedeiras do Natal,
vens-me tu, torturado e solitário,
ainda projectado para os fundos abismos do teu eu,
mergulhado em verdes precipícios de tédio
e insatisfação...

Vens-me sangrando de teus amores, Poeta,
teus amores inumanos
com desesperos suicidas e orgulhos brâmanes
te tomando toda a vida de Homem.

Mas se tu me vens, Poeta
desarmado e trágico,
eu te recolho fraternamente
na capulana quente da minha compreensão
e te embalo com a música da mais doce canção
ouvida da minha cocuana negra...

E tu dormes, Poeta,
dorme teu sono tão desejado,
repousa enfim dessas fictícias tragédias só tuas,
e não atentes na canção...

Deixa que a sua carícia te sare as feridas,
mas não atentes nela, não!

Que te pode despertar o xipócué do remorso

pois traz em si os feitiços mais poderosos
dos ngomas do Maputo
donde veio minha avó negra.
E talvez te pergunte, docemente:
ah, que fizeste de mim, Poeta,
cego e surdo e insensível,
que fizeste de África, Poeta?
— Que passaste e não a viste?
— Que se ergueu e não a sentiste?
— Que gritou e não a ouviste?
E os remorsos te seriam tão dolorosos
como matacanhas te invadindo o corpo todo, Poeta!

Ai dorme, dorme. Rui de Noronha,
meu irmão,

continua dormindo aprisionado
na palhota maticada do teu eu.
Não atentes na canção — é tarde...

Mas o archote, murcho e fraco,
que tuas mãos diáfanas mal logravam sustêr,
deixa que nós o levemos!

Embebê-lo-emos na resina das novas ânsias,
espevitá-lo-emos nas nossas fogueiras acesas,
manter-lhe-emos a vida chama
com lume das nossas esperanças sempre renovadas!

E depois, ah depois,
erguidos ao alto da Vida como um estandarte
por nossas brônzeas, fortes mãos
que a sua chama sanguínea de fulgor inextinguível
nos seja guia e inspiração
esporeando a revolta nascida nas veias entumecidas.
Como um cometa
atravessando a noite de nossos peitos esmagados.

25/12/49

GODIDO

à memória de João Dias

Dos longes do meu sertão natal,
eu desci à cidade da civilização.

Embriaguei-me de pasmo entre os astros
suspensos dos postes das ruas
e atracção das montras nuas
tomou-me a respiração.

Todo esse brilho de névoa, ténue e superficial
que envolve a capital,
me cegou e fez de mim coisa sua.

Quando cheguei,
trazia no olhar a luz verde dos negros simples
e uma dádiva maravilhosa em cada mão.

Mas a cidade, a cidade, a cidade!
Esmagou com os pneus do seu luxo,

sem caridade,
meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.
Encarcerou-me numa neblina quase palpável de ódio e desprezo,
e ignorando a luz verde do meu olhar,
a maravilhosa oferta
(essa estrela, esse tesouro) de cada minha mão aberta,
exigiu-me impiedosamente a abdicação
da minha qualidade intangível de ser humano!

Nas noites frias,
sem batuque, sem lua,
as estrelas continuaram brilhando, insensíveis,
através da cacimba, suspensas dos postes da rua.

Minha consolação:

Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,
mornas como sol de inverno...
minha Mãe vencendo a cacimba e a solidão,
para me vir belekar,
humilde e sofredora, com suas tocantes canções de acalantar!

Ah, mas eu não me deixei adormecer!

Levantei-me e gritei contra a noite sem lua,
sem batuque, sem nada que me falasse da minha África,

da sua beleza majestosa e natural,
sem uma única gota da sua magia!
A luz verde incendiou-se no meu olhar
e foi fogueira vermelha na noite fria
dos revoltados.

Ainda grito,
porque quero ser ainda, sempre, pela vida fora,
o que fui outrora:
Rainha nas costas de minha Mãe!

Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,
na cidade cruel...
Como tu!

Por isso é que este meu canto ingênuo que soa banal,
traz no seu fundo mais fundo, Godido, meu irmão
a marca rubra dum selo fraternal,
constante e imortal!

8/6/1950

POEMA

Bates-me e ameaças-me,
agora que levantei minha cabeça esclarecida
e gritei: "Basta!"

Armas-me grades e queres crucificar-me
agora que rasguei a venda cor de rosa
e gritei: "Basta!"

Condenas-me à escuridão eterna
agora que minha alma de África se iluminou
e descobriu o ludibrio...
E gritei, mil vezes gritei: "Basta!"

Ó carrasco de olhos tortos,
de dentes afiados de antropófago
e brutas mãos de orango:
Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,

traz teus instrumentos de tortura
e amputa-me os membros, um a um...
Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão eterna...
— que eu, mais do que nunca,
dos limos da alma,
me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta!

20/10/49

A BILLIE HOLIDAY, CANTORA

Era de noite e no quarto aprisionado em escuridão
apenas o luar entrara, sorrateiramente,
e fora derramar-se no chão.
Solidão. Solidão. Solidão.

E então,
tua voz, minha irmã americana,
veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão...
Estranha, profunda, quente,
vazada em solidão [?] escravidão [?]

E começava assim a canção:
"Into each heart some rain must fall..."
Começava assim
e era só melancolia
do princípio ao fim,
como se teus dias fossem sem sol
e a tua alma aí, sem alegria...

Tua voz irmã, no seu trágico sentimentalismo,
descendo e subindo,
chorando para logo, ainda trêmula, começar rindo,
cantando no teu arrastado inglês crioulo
esses singulares "blues", dum fatalismo
rácico que faz doer
tua voz, não sei por que estranha magia,
arrastou para longe a minha solidão...

No quarto às escuras, eu já não estava só!
Com a tua voz, irmã americana, veio
todo o meu povo escravizado sem dó
por esse mundo fora, vivendo no medo, no receio
de tudo e de todos...

O meu povo ajudando a erguer impérios
e a ser excluído na vitória...

A viver, segregado, uma vida inglória,
de proscrito, de criminoso...

O meu povo transportando para a música, para a poesia,
os seus complexos, a sua tristeza inata, a sua insatisfação...

Billie Holiday, minha irmã americana,
continua cantando sempre, no teu jeito magoado
os "blues" eternos do nosso povo desgraçado...
Continua cantando, cantando, sempre cantando,
até que a humanidade egoísta ouça em ti a nossa voz,

e se volte enfim para nós,
mas com olhos de fraternidade e compreensão!

25/5/49

POEMA A JORGE AMADO

O cais...

O cais é um cais como muitos cais do mundo...

As estrelas também são iguais

às que se acendem nas noites baianas

de mistério e macumba...

(Que importa, afinal, que as gentes sejam moçambicanas

ou brasileiras, brancas ou negras?)

Jorge Amado, vem!

Aqui, nesta povoação africana

o povo é o mesmo também

é irmão do povo marinheiro da Baía,

companheiro Jorge Amado,

amigo de povo, da justiça e da liberdade!

Não tenhas receio, vem!

Vem contar-nos mais uma vez

tuas histórias maravilhosas, teus ABC's

de heróis, de mártires, de santos, de poetas do povo!

Senta-te entre nós
e não deixes que pare a tua voz!
Fala de todos e, cuidado!
não fique ninguém esquecido:
nem Zumbi dos Palmares, escravo fugido,
lutando, com seus irmãos, pela liberdade;
nem o negro Antônio Balduino,
alegre, solto, valente, sambeiro e brigão;
nem Castro Alves, o nosso poeta amado;
nem Luís Prestes, cavaleiro da esperança;
nem o Negrinho do Pastoreio,
nem os contos sem igual das terras do cacau
— terra mártir em sangue adubada —
essa terra que deu ao mundo a gente revoltada
de Lucas Arvoredo e Lampião!

Ah não deixes que pare a tua voz,
irmão Jorge Amado!

Fala, fala, fala, que o cais é o mesmo, mesmas as estrelas, a lua, e igual à
gente da cidade de Jubiabá,
— onde à noite o mar tem mais magia,
enfeitiçado pelo corpo belo de lemanjá —,
vê! igual à tua,

é esta gente que rodeia!

Senão, olha bem para nós,

olha bem!

Nos nossos olhos fundos verás a mesma ansiedade,

a mesma sede de justiça e a mesma dor,

o mesmo profundo amor

pela música, pela poesia, pela dança,

que rege nossos irmãos do morro...

Mesmas são as cadeias que nos prendem os pés e os braços, mesma a
miséria e a ignorância que nos impedem

de viver sem medo, dignamente, livremente...

E entre nós também há heróis ignorados

à espera de quem lhes cante a valentia

num popular ABC...

Portanto, nada receies, irmão Jorge Amado,

da terra longínqua do Brasil! Vê:

Nós te rodearemos

e te compreenderemos e amaremos

teus heróis brasileiros e odiaremos

os tiranos do povo mártir, os tiranos sem coração...

E te cantaremos também as nossas lendas,

e para ti cantaremos

nossas canções saudosas, sem alegria...

E no fim, da nossa farinha te daremos
e também da nossa aguardente,
e o nosso tabaco passará de mão em mão
e, em silêncio, unidos, repousaremos,
pensativamente,

Olhando as estrelas do céu de Verão
e a lua nossa irmã, enquanto os barcos balouçarem brandamente
no mar prateado de sonho...

Jorge Amado, nosso amigo, nosso irmão
da terra distante do Brasil!

Depois deste grito, não esperes mais, não!
Vem acender de novo no nosso coração
a luz já apagada da esperança!

12/5/49

BAYETE

para Rui Knopfli

Ergueste uma capela e ensinaste-me a temer a Deus e a ti.

Vendeste-me o algodão da minha machamba

pelo dobro do preço por que mo compraste,

estabeleceste-me tuas leis

e minha linha de conduta foi por ti traçada.

Construíste calabouços

para lá me encerrares quando te não pagar os impostos,

deixaste morrer de fome meus filhos e meus irmãos,

e fizeste-me trabalhar dia após dia, nas tuas concessões.

Nunca me construístes uma escola, um hospital,

nunca me deste milho ou mandioca para os anos de fome.

E prostituíste minhas irmãs,

e as deportaste para S. Tomé...

— Depois de tudo isto,

não achas demasiado exigir-me que baixe a lança e o escudo

e, de rojo, grite à capulana vermelha e verde
que me colocaste à frente dos olhos: BAYETE?

6/9/50

SANGRE NEGRO

Ó minha África misteriosa e natural,
minha virgem violentada,
minha Mãe!

Como eu andava há tanto desterrada,
de ti alheada
distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade!
engravidadas de estrangeiros

Minha Mãe, perdoa!

Como se eu pudesse viver assim,
desta maneira, eternamente,
ignorando a carícia fraternamente
morna do teu luar
(meu princípio e meu fim)...
Como se não existisse para além

dos cinemas e dos cafés, a ansiedade
dos teus horizontes estranhos, por desvendar...
Como se nos teus matos cacimbados
não cantassem em surdina a sua liberdade,
as aves mais belas, cujos nomes são mistérios ainda fechados!

Como se teus filhos — régias estátuas sem par —,
altivos, em bronze talhados,
endurecidos no lume infernal
do teu sol causticante, tropical,
como se teus filhos intemeratos, sobretudo lutando,
a terra amarrados,
como escravos, trabalhando,
amando, cantando —
meus irmãos não fossem!

Ó minha Mãe África, ngoma pagã,
escrava sensual,
mística, sortílega — perdoa!
À tua filha tresvairada,
abre-te e perdoa!

Que a força da tua seiva vence tudo!

E nada mais foi preciso, que o feitiço ímpar
dos teus tantãs de guerra chamando,
dundundundun-tãtã — dundundun — tãtã
nada mais que a loucura elementar
dos teus batuques bárbaros, terrivelmente belos...

para que eu vibrasse
para que eu gritasse,
para que eu sentisse, funda, no sangue, a tua voz, Mãe!

E vencida, reconhecesse os nossos elos...
e regressasse à minha origem milenar.

Mãe, minha Mãe África
das canções escravas ao luar,
não posso, não posso repudiar
o sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
ele é mais forte que tudo,
eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe!

DISPERSOS

QUERO CONHECER-TE ÁFRICA

Eu quero conhecer-te melhor,
minha África profunda e imortal...
quero descobrir-te para além
do mero e estafado azul
do teu céu transparente e tropical, para além dos lugares comuns
com que te disfarçam aqueles que não te amam
e em ti vêem apenas um degrau a mais para escalar!

De Norte a Sul
de oriente a ocidente,
— quero conhecer-te bem,
sem nada de insincero, superficial,
e velar-te o corpo possante de virgem negra.
Quero conhecer-te melhor do que ninguém,
minha África silhuetada contra a noite enfeitiçada
de lua e de espíritos vingadores...

E quero mais!

Quero que os meus terríveis gritos de dor
sejam os gritos repetidos dos meus irmãos...

Que quero dar-te e dar-lhes todo o meu amor,
toda a minha vida, o meu sangue, a minha alma,
os versos que escrevo a sofrer e a cantar...

Só contigo e com meus irmãos quero lutar

por uma vida digna, livre, alevantada!

Sim, quero lutar em ti integrada

confundindo as almas, lado a lado, rimando nossos esforços e suores,
sentindo o eco de cada brado

das nossas bocas, reboar por esse sertão

fora, longamente, dolorosamente...

E que alguém, perdido lá longe, o recolha e diga:

— Mas é minha esta voz, esta dor,
é meu também este brado!

Quero compreender-te, minha África,

quero penetrar-te, sonhar contigo,

descobrir-te nua e verdadeira,

sofrer os teus desalentos, esperar contigo,

sempre contigo!

porque só assim merecerei viver...

E que todos digam, quando eu cantar,
ou quando me revoltar, ou quando chorar:
É a África que canta, e grita, e chora!

(in Para uma cultura moçambicana, de Rodrigues Júnior, 1951)

19 DE OUTUBRO

Solista mulher

Uma granada alada

ribombou no nosso ventre

em mil estilhaços de fogo

Coro feminino

Trinta e três estrelas cadentes

na noite austral

Solista mulher

E tu

Primogênito do nosso povo

orgulho das nossas entranhas Moçambicano
inteiro

Coro feminino

Choremos, irmãs, choremos

a inutilidade dos nossos regaços

velemos o rosto com nossas vembas negras

que os antúrios do nosso pranto

floresçam de Chilebene a Mueda

Solista mulher

pelo nosso filho maior

Este que morreu mas está vivo

e nos sorri com os olhos

e com a boca

Este que não cabe na estrela da praça

E está connosco

dentro de nós, ao nosso lado

em toda a parte

do Rovuma ao Maputo.

Escutem, irmãs, como ele nos fala

Ele diz unidade

Ele diz

a melhor maneira de chorar

Coro (homens e
mulheres)

um companheiro morto é continuar a luta.

Ele diz

É ou não é?

É.

(in Antologia da Nova Poesia Moçambicana de Fátima Mendonça e Nelson Saúte, 1993)

A MULHER QUE RI À VIDA E À MORTE

Para lá daquela curva
os espíritos ancestrais me esperam.

Breve, muito breve
tomarei o meu lugar entre os antepassados

À terra deixarei os despojos do meu corpo inútil
as unhas córneas de todos os labores
este invólucro sulcado pela aranha dos dias

Enquanto não falo com a voz do nganga
cada aurora é uma vitória
saúdo-a com o riso irreverente do meu secreto triunfo

Ogo.oyo, vida!
Para lá daquela curva
os espíritos ancestrais me esperam

(in A meu ver. de Carlos Pinto Coelho)



POSFÁCIOS

A MÃE DOS POETAS

MOÇAMBICANOS

Para a mana Gina

e em memória da nossa tia Camila

Eu tinha 15 anos e o poema dizia: "Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço. / Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines, / viemos do outro lado da cidade / com nossos olhos espantados, / nossas almas trancadas, / nossos corpos submissos escancarados. / De mãos ávidas e vazias, / de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo, / de corações amarrados de repulsa, / descemos atraídas pelas luzes da cidade, / acenando convites aliciantes / como sinais luminosos na noite". Passados estes anos não sei proclamar o meu espanto. Mas lembro-me de que sobre a retina daquele rapaz que eu era, na incauta leitura de uma antologia de Orlando Mendes (**Sobre Literatura Moçambicana**), ficou a reverberar um nome estranho.

Quem seria essa mulher que se escondia no nome de poeta Noémia de Sousa? — interrogou-se o menino que fui. Naquele então a literatura que conhecia era sobretudo o pecúlio trazido no ombro dos guerrilheiros. Era essa a poesia que sobrava das artes de declamação experimentada nos pátios das escolas, onde fomos continuadores da revolução e exaltadores de todas as utopias — tudo o que agora está inscrito no refluxo dos nossos sonhos.

Noémia de Sousa não constava no meu bernal de amador de poetas. Tinha lido, tinha dito, lá no alto da minha inocência, versos da chamada — e aclamada poesia de combate. Mas desconhecia em absoluto esta mulher.

As buscas começaram imediatamente. Quem era Noémia de Sousa, autora daqueles versos frenéticos, daqueles versos longos e belos, que falava de moças fugitivas dos bairros onde estavam acantonados na mais vil

miséria, das Munhuanas e dos Xipamanines, do outro lado da cidade, com os olhos espantados?

Carolina Noémia Abranches de Sousa era o nome dela. Nascera a 20 de setembro de 1926, ali na Catembe, numa casa à beira do Índico, albergue que seria celebrado num dos seus poemas mais emblemáticos.

Não tardou a descobrir que esta mulher escrevera apenas durante três anos, o bastante para incendiar o rasilho da poesia que reivindicava a personalidade dos oprimidos, que fundava a literatura dos marginalizados. Tudo isto entre 1948 e 1951. Hoje, neste ano prodigioso de 2001, vemo-la aqui, em livro, na celebração dos 50 anos, sobre o silêncio. Silêncio quebrado em 1996 aquando da morte de Samora Machel, reincidência praticada anos depois, num dos textos mais belos e comoventes, que Carlos Pinto Coelho fez publicar no seu álbum de fotografias "A meu ver".

Noémia viveu na Catembe, do outro lado da baía de Maputo, até aos seis anos, quando se mudou para a então Lourenço Marques. O pai, funcionário público, era originário de uma família luso-afro-goesa da Ilha de Moçambique. Foi ele que a ensinaria a ler aos quatro anos, movido provavelmente pelas mesmas ideias de progresso que animavam personalidades como Estácio Dias [pai de João Dias] ou os Albasini, com quem convivia. Sua mãe, nascida na Bela Vista, para lá da Catembe, era filha de um alemão (Max Bruheim), caçador e negociante, e da filha de um chefe ronga, Belenguana.

A morte do pai, ocorrida quando Noémia tinha oito anos, veio transformar as condições de vida da família, que vivia até então relativamente desafogada, vendo-se a mãe da poetisa a braços com o sustento de seis filhos, dois deles a estudar em Portugal, com a ajuda de uma tia paterna. Aos 16 anos, Noémia de Sousa teve que se empregar, mas estudava à noite na Escola Técnica, onde frequentava o curso de Comércio.

A vocação da escrita foi precoce, iniciara-se fazendo jornais de parede com os irmãos. O mano Nuno, um dia, veio confidenciar-lhe que havia um amigo — Antero, a quem dedica um dos seus poemas iniciais — que estava num grupo de outros rapazes que tinham tomado de assalto, por assim dizer, o jornal da *Mocidade Portuguesa*, sob a direcção do poeta Virgílio de Lemos (o mesmo que mais tarde iria editar a folha *Msaho* de poesia, que

estava nos antípodas do que Noémia de Sousa poderia defender) e que solicitava uma colaboração sua.

Noémia escreveu o "**Poema ao meu irmão negro**". Assinou-o com as iniciais: N.S. Provocou alvoroço. Quem seria NS? A esta distância este título parece inocente, mas quem atentar para a época não terá dificuldades em sublinhar a coragem inusitada da jovem Noémia de Sousa.

Cassiano Caldas, funcionário dos CFM, ligado ao projecto *Itinerário*, onde colaboraram muitos dos poetas que se haveriam de consagrar no período anterior à Independência de Moçambique, deu-lhe a conhecer a revista *Vértice*. Foi nessa revista que leu, pela primeira vez, Nicolás Guillén, o poeta cubano do **Songoro Consogoro**. Leu depois muitos livros sobre a vida dos negros americanos em tradução brasileira. Entre a situação do Sul dos EUA e a situação em Moçambique daquele tempo, Noémia conseguia estabelecer similitudes.

Longe consagrava-se a *Negritude*, mas Noémia não a conhecia. Foi através da afirmação dos valores dos oprimidos que a poetisa se sentiu perto das ideias defendidas, na época, por pessoas como Leopold Senghor ou Aime Cesaire (de quem veio a traduzir mais tarde o famoso "*Discurso sobre o colonialismo*"). Mas não os lera, nem outros dos que nela pontificavam. Ela vivia distante na sua Munhuana, lendo sobretudo os escritores neo-realistas portugueses, que lhe chegaram pela mão de Cassiano Caldas.

Ao tempo em que Norton de Matos foi candidato às presidenciais em Portugal, Noémia de Sousa começou a frequentar outros jovens que despontavam para as artes e letras em Moçambique: Ruy Guerra, Ricardo Rangel, entre outros.

João Mendes, irmão do escritor Orlando Mendes, era um congregador de jovens e utopias, ajudando a mapear uma nova realidade, distante da estratificação racial. Não escrevia, unia. A sua actividade, da qual resultava a junção dos rapazes da Polana, chamemos-lhe aristocrática, à Mafalala empobrecida, valeu-lhe a deportação. João Mendes é um dos homenageados pela poesia de Noémia de Sousa.

Noémia iniciou a sua colaboração com *O Brado Africano* quando se procurava terminar o projecto da Associação Africana. Entrincheirados na defesa da causa estavam: Cassiano Caldas, Henrique Dahan, Brassard, Miguel da Mata, Victor Santos (irmão de Marcelino dos Santos), Nobre de Melo, Amália Ringler, Dolores Lopes, entre outros. Estes angariavam dinheiro para finalizar as obras da Associação. Noémia de Sousa escrevia na Página Feminina de *O Brado*. Publicava poemas.

N'O *Brado Africano* ainda ressoava o nome de um Rui de Noronha, a quem Noémia via passar em frente de sua casa. Nunca falou com ele. Também não conviveu com João Dias, outro dos nomes tutelares da nossa literatura. Contudo, a jovem não se esqueceu dos papéis que ambos desempenharam na fundação da literatura moçambicana, de que é um dos mitos fundadores.

Naquele tempo não se podia imaginar dispositivos comunicacionais como a televisão. A caixinha mágica não chegara ainda, mas frequentava-se o cinema, sobretudo as matinês, no Scala, no Gil Vicente ou no Varieté. Ouvia-se música em grafonolas. Conspirava-se. Noémia de Sousa cresceu nesse ambiente de reivindicação.

Poder-se-ia considerar assim uma nota que redigiu para *O Brado Africano*, referindo-se a um jovem moçambicano que motivava uma forte manifestação de solidariedade na África do Sul por não lhe ter sido concedida a prorrogação do visto de residência temporária pelo Governo de Malan, o que o impediu de prosseguir os estudos na Universidade de Witwatersrand. Esse jovem chamava-se Eduardo Chivambo Mondlane. Conheceu-a depois, regressado a Moçambique, antes de embarcar para Lisboa, onde permaneceu um ano antes de rumar para os Estados Unidos da América.

Noémia, que participara nas actividades do MUD-Juvenil, que distribuía panfletos à noite com João Mendes, que escrevera cartas subversivas, que redigira artigos cortados pela censura, que conspirara, não escapou à prisão. O cerco apertava-se. Em 1951 teve de partir, seguindo o extenuante caminho do exílio e deixando atrás de si, na PIDE, o Processo 2756 Cl (2).

Mário de Andrade, quando soube que ela ansiava por partir, escreveu-lhe encorajando-a. Desembarca em Lisboa quando a "geração da utopia" (no dizer de Pepetela) sondava as independências. O Centro de Estudos Africanos, do qual fez parte, funcionava na rua do Vale, 37, casa da Tia Andreza, tia de Alda do Espírito Santo, de São Tomé e Príncipe, companheira de jornada.

Amílcar Cabral, Mário de Andrade, Marcelino dos Santos, Lúcio Lara, Agostinho Neto, Francisco José Tenreiro eram os nomes mais conhecidos da intelectualidade africana em Portugal. Com eles Noémia de Sousa partilhou as acções que estão na base da fundação dos movimentos de libertação de cada país. Este período precisa de ser melhor cotejado, mas, tanto quanto sabemos, a participação de Noémia não foi episódica. Antes pelo contrário, foi activa.

Noémia de Sousa foi companheira de jornada destes nacionalistas. Quando a PIDE cerceou o pouco espaço que tinham de intervenção, os jovens decidiram-se por França, onde aliás Noémia irá buscar refúgio da ditadura, com uma filha às costas — Virgínia Soares (ou melhor, Gina). Saltou a fronteira, galgou os Pirinéus e alcançou a liberdade. Casara-se em 1962 com o poeta Gualter Soares.

Marcelino dos Santos conseguiu emprego no Consulado de Marrocos em Paris. Entretanto, Liliinho Micaia partiu para outra frente de combate, em Dar-es-Salaam. Vera Micaia (quero eu dizer: Noémia de Sousa) atardou-se por Paris até 1973, ano em que decide regressar a Portugal, para preencher uma vaga na agência Reuter. Não adivinhava que a revolução estava à porta.

No dia 25 de Junho de 1975 estava na sua casa de Algés na companhia dos legendários futebolistas Eusébio da Silva Ferreira e Hilário da Conceição e respectivas mulheres. Não fora convidada para a Independência. Anos mais tarde, na mesma casa, havia de me confidenciar que tal facto a deixara magoada.

Trinta e três anos depois da partida, regressa à grande casa deitada à beira mar. Essa "casa" talvez não fosse apenas a casa da Catembe, talvez fosse Moçambique ou mesmo África. Foi um reencontro mediado por lágrimas, tremendamente emocionado. Há um poema onde ela intenta o

sonho: *“Um dia o sol inundará a vida e será como uma nova infância raiando para todos”*. Eram os anos da bicha nos talhos pela madrugada, do carapau de Angola cozido e recozido, da farinha amarela, do repolho feito de todas as formas. Eram os anos da crise, da falta de luz, da falta de água. Foi no tempo em que o desespero se apoderava dos moçambicanos. Era o tempo em que a revolução expulsava os bastardos para o Niassa. Anos 80! Foi quando Noémia visitou a terra. A pátria.

Noémia de Sousa estava já na condição de um mito, um mito afirmado nos armoriais da literatura moçambicana. Seus poemas tinham sido adoptados para estudos nos compêndios da escola da FRELIMO na luta armada e agora eram lidos nas escolas moçambicanas. Seu legado tinha sido recuperado pelos poetas de outras pátrias como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe.

Entretanto "O Brado Africano", "Itinerário", "Msaho", "Mensagem" (em Luanda), "Notícia de Bloqueio" (no Porto), "Moçambique 58", "Vértice", entre outras publicações moçambicanas e estrangeiras haviam-na publicado com ênfase.

Mas também Carolina Noémia Abranches de Sousa, aliás Noémia de Sousa, comparecera nas antologias: "**Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa**", em 1953, veja-se a que tempos!, uma antologia organizada por dois saudosos companheiros de jornada literária e de luta cívica: Francisco José Tenreiro (poeta são-tomense de grande quilate) e Mário Pinto de Andrade (o historiador, o intelectual, sobretudo a consciência crítica desta "geração da utopia", para pilhar uma vez mais a expressão do Pepetela).

Cinco anos depois da edição deste caderno, que era singularmente dedicado ao poeta cubano de **Songoro Consogo**, que vivia exilado em Paris, longe da sua La Habana, onde ainda sobrevivia Fulgêncio Batista, que rapidamente seria expulso por Fidel Castro, "Che" Guevara e outros guerrilheiros que desceram da Sierra Maestra — Nicolás Guillén —, viria a lume "**Poesia Negra de Expressão Portuguesa**", desta feita editada em Paris, para onde fugira exilado o seu organizador — Mário Pinto de Andrade.

Na altura, Mário de Andrade montara banca na "Presence Africaine", importante publicação no contexto da afirmação dos valores dos povos mudos da História. Ano depois, em 1959, a Casa dos Estudantes do Império (CEI), que tinha uma actividade editorial significativa, responsável pela revelação de grandes nomes da literatura africana de língua portuguesa — José Craveirinha lá se havia de estreiar em livro com "**Chigubo**" em 1964 — faz editar a antologia "**Poesia em Moçambique**" (separata da *Mensagem*), onde Noémia de Sousa não é ignorada.

A mesma CEI editará em 1960 e 1962 duas antologias intituladas "**Poesia de Moçambique**", ambas prefaciadas por Alfredo Margarido, que estão na origem de uma polémica, uma das mais interessantes da época, desencadeadas por Eugênio Lisboa, que praticava já um juízo crítico cáustico e cauterizante.

Noémia de Sousa era já um nome afirmado a despeito do facto de ser inédita em livro próprio. Lida e seguida não só em Moçambique, mas em outros países onde uma visão da literatura, como instrumento de confrontação ideológica, tinha lugar.

Outras antologias importantes que recolhem os seus poemas: "**Antologia Temática da Poesia Africana — Na noite grávida de punhais**", organizada também por Mário Pinto de Andrade. Dez anos depois, em 1985, Manuel Ferreira acolheu-a em "**No reino de Caliban III**", antologia dedicada à poesia de Moçambique. Aliás, convirá dizer, como testemunho para o futuro, que Manuel Ferreira foi dos primeiros a tentar publicar Noémia de Sousa em livro. A poetisa, aversa à publicação, alegou que queria que seus poemas fossem, antes de tudo, primordialmente editados em Moçambique, onde é estudada nas escolas, lida através de textos avulsos que circulam, de mão em mão, fotocopiados, policopiados. A supra-citada antologia de Orlando Mendes refere-a na "**Antologia da Nova Poesia Moçambicana**", que eu havia de co-organizar com Fátima Mendonça, editada pela AEMO em 1993, coligimos os versos a Samora Machel, feitos a pedido do sobrinho Camilo de Sousa, para um documentário sobre o Presidente.

Há 15 anos precisamente, quando Noémia completava 60 anos, escrevi "Carta a Noémia de Sousa". O texto é incipiente mas foi recolhido num dos

manuais escolares do nosso ensino secundário. Foi lido na Rádio Moçambique no dia 20 de setembro de 1986. Mandei-o à *Gazeta de Artes e Letras* da revista *Tempo*. O coordenador, meu amigo Gilberto Matusse, esqueceu-o na gaveta. Contudo, um ano depois, havia de publicá-lo.

A primeira vez que aterro em Lisboa, cometo a ousadia de telefonar a Noémia. Levava comigo o seu número de telefone, dado pela Fátima Mendonça. Começa tudo aí, nesse encontro em Algés, festejando a nossa Independência — era junho! —, comendo feijoada e lendo Carlos Drummond de Andrade. Nos anos que em Portugal, errei como estudante, fui visita constante de Noémia de Sousa. Hoje, quando lá vou, não posso regressar sem a ver.

Em todos estes anos insisti, como o fizeram muitos, na edição dos seus poemas. Noémia arranjou todos os subterfúgios, mas há alguns anos, depois de ter recusado convites de Manuel Ferreira, Michel Laban, entre outros, ela aceitou publicá-los.

Houve diversas iniciativas para o fazer através da Associação dos Escritores Moçambicanos, a que estiveram ligados primeiro Rui Nogar e Calane da Silva, depois Leite de Vasconcelos com Fátima Mendonça e Júlio Navarro.

Não se concretizaram estas iniciativas (tratava-se, sobretudo, de fixar o texto definitivo e obter assentimento da poetisa em publicar), mas Noémia reconheceu finalmente que a sua modéstia não deveria constituir impedimento para a publicação do livro — o que para muitos permanecia inexplicável — e confiou-me a grata tarefa de organizar a edição do mesmo.

Na altura, Rui Knopfli — foi Noémia de Sousa quem mo apresentou, em 1989, tantas vezes confidenciei a minha admiração por ele! — ficou encarregado do prefácio. Knopfli exilou-se definitivamente deste reino sem ter escrito o texto.

Cinquenta anos depois do abandono da escrita, temos o beneplácito dos deuses e este "**Sangue Negro**" é finalmente editado. Noémia de Sousa não o releu, nem o corrigiu, tendo concordado que os poemas permaneceriam na versão (original) policopiada, que se encontra depositada no Arquivo

Histórico de Moçambique, devendo apenas ser actualizada a respetiva ortografia.

As razões que explicam o facto de eu ser quem redige estas notas iniciais são as mesmas que explicam o facto de Fátima Mendonça ser a autora do ensaio que enquadra histórica e literariamente a poetisa, e Francisco Noa discorrer sobre alguns aspectos desta poesia. Todos nós temos uma relação de superior admiração e grande amizade e afeto por Noémia de Sousa e pertencemos ao parco clube dos que a visitam incansavelmente e nunca desistiram de insistir na edição de sua obra.

Este livro transcende a condição de uma recolha de poemas. É, antes de tudo, um testemunho da nossa História. Neste volume ecoa uma voz, uma bela voz. Sobre esta voz ressoam outras vozes. Foi desta voz que se incendiaram outras tantas vozes. Talvez por isso qualquer apresentação seja incompetente.

Costumo dizer que Noémia de Sousa faz parte dos meus antepassados literários. Digo-o com inescandível afeto. Não há, não pode haver, um privilégio maior do que amar esta mulher a quem hoje (re) apresento e de quem tenho o privilégio de chamar "Mãe". Não só porque ela é, como diz a lenda, a Mãe *dos poetas moçambicanos*, mas porque entre nós há muito que o afeto e a amizade perderam fronteiras e fundaram verdadeiros laços de família. O que permanece, estou certo, é o espanto sempre que a releio. Regresso incauto ao menino de 15 anos que, suponho, nunca deixarei de o ser.

Nelson Saúte

Maputo, 5 Julho de 2001

NOEMIA DE SOUSA:

A METAFÍSICA DO GRITO

FRANCISCO NOA

Se há um adjetivo que, à partida, pode caracterizar a criação poética de Noémia de Sousa, esse adjetivo é: emocionada. Porém, com esta catalogação, corremos o risco de enclausurar a escrita desta poetisa, pioneira voz feminina das letras moçambicanas, numa etiqueta que, desde logo, se apresenta como uma marca desqualificadora. Isto, se tivermos em linha de conta toda uma prática poética e metapoética que instituiu e consagrou o lirismo da modernidade.

Entre outros, pensamos no *dandysme* flanante e mundano de Baudelaire, no desregramento das sensações em Rimbaud, na dissolução do sujeito e no intelectualismo em Mallarmé, no distanciamento dramático em T.S. Eliot, no fingimento poético em Fernando Pessoa, em suma, no vitalismo criador que faz da poesia moderna o espaço do incessante e implacável estilhaçamento e de negação da subjectividade.

Porém, tendo em conta o eflúvio personalizado da poesia de Noémia, a chamejante afirmação da interioridade do sujeito poético, a glorificação da emoção, até que ponto a sua escrita não se institui como festiva e arrogante recusa de uma tradição que se enquadra numa disposição espiritual, que fecundada e disseminada no ocidente, se afirma, a dada altura, como sua imagem de marca?

Como que a confirmá-lo, aí temos todo um conjunto de recursos linguísticos (juntamente com a língua portuguesa, intersectam-se irreverentemente registos da língua ronga e inglesa), estilísticos (a prevalência da adjectivação, da anáfora, da aliteração, da parataxe, da exclamação) e temáticos (a revolta, a valorização racial e cultural, a infância, a esperança, a angústia, a injustiça) que nos fazem claramente

perceber que, por detrás da voz enunciativa de cada um dos poemas de Grito *Negro*, se insinua a consciência de uma subjectividade ou dilacerada:

Nossa voz gemendo, sacudindo sacas imundas

nossa voz gorda de miséria,

nossa voz arrastando grilhetas [**Nossa Voz**]

Indignada: "Nós somos sombras para os vossos olhos, somos fantasmas", **se**, inconformada:

Queria derrubar meu jazigo de alvenaria

Queria descer aos trilhos lamacentos,

Queria sentir o aguilhão da mesma revolta.

Queria sentir esse gosto indefinível de luta.

Queria sofrer e gemer e lutar Para conquistar a Vida!

[Poema]

Nostálgica:

Ah, meus companheiros me semearam esta insatisfação

dia a dia mais insatisfeita.

Eles me encheram a infância do sol que brilhou

no dia em que nasci. (**Poema da Infância Distante**)

Então, confiante: "Por isso eu CREIO que um dia / o sol voltará a brilhar, calmo, sobre o Índico.", etc.

Tal como a maior parte dos escritores africanos da sua época — como o serão, afinal, os das épocas subsequentes, conhecido e reconhecido que os períodos pós-indendentistas, de estabelecimento das democracias e da mundialização do planeta continuam a exigir que cada vez mais as vozes dos escritores em África não emudeçam —, a voz poética de Noémia de Sousa transcende, em largos momentos, limites egotistas, espaciais e

temporais, instituindo-se, de certo modo, como uma voz de aspiração plural e universalista. Para Pires Laranjeira (1995:499), trata-se de da "ânsia de absoluto, a mística de fusão com o povo e o Continente".

Concorrem para tal aspiração, o recurso à apóstrofe afectiva ("E então, / tua voz, minha irmã americana, / veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão...", **A Billie Hollyday, Cantora**), ao sentimento colectivo ("E agora, sem desespero nem esperança, seremos em breve fugitivas das ruas iheiras da cidade...", **Moças das Docas**), ao culto da utopia (**Poema para mor Futuro, Se este Poema fosse...**), bem como aos mitos da liberdade, da igualdade, da fraternidade e do progresso.

Estamos, por conseguinte, perante o pendor assumidamente não-ensimesmado, não umbilicalista da escrita poética de Noémia. O sujeito parece emergir aí como efeito do seu confronto com o que lhe é exterior, desencadeando toda uma corrente de emotividade responsável pelas características declamatórias desta poesia. A propósito, Ana Mafalda Leite (1998: 107) considera que "toda a poesia da autora aspira a ser vocal, escapando assim ao exílio silencioso da escrita".

E as encenações dialógicas que aí se assistem, se é verdade que contribuem para a carnavalização da linguagem, segundo Bakhtine, concorrem, por outro lado, para o assomar de uma subjetividade que, inconformada, atravessa e unifica estilística e estruturalmente os poemas de *Sangue Negro*.

É, pois, na atmosfera ritualizante e dionisiaca do poema que a escrita de Noémia de Sousa, cantante e compassada, num ritmo por vezes inebriante, fustiga:

Ó carrasco de olhos tortos
de dentes afiados de antropófago
e brutas mãos de orango (**Poema**)
ou venera
Ó minha Mãe África, ngoma pagã,
escrava sensual,

mítica, sortilêga — perdoa! (**Sangue Negro**)

Divindade maior desta cosmologia é a liberdade ansiada (e ensaiada) e o exercício da palavra como instrumento consciencializador e agonístico. E a expressão arrebatada se, por um lado, subjetiviza a expressão poética em Noémia, por outro, confere-lhe uma dimensão majestática e que faz do sujeito rapsodo das dores, dos anseios, da revolta, das resignações e dos mitos dos flagelados irmanados por um destino comum determinado pela ocupação colonial.

Enquanto voz da Negritude, a voz de Noémia não corresponde necessariamente à exaltação de um narcisismo gratuito de ser negro, mas trata-se da projecção do ser negro enquanto objeto da sujeição econômica, política, cultural ou racial. E a história vai nos ensinando que as duas condições (a biológica e a instituída) se ligam de forma perversa e tautológica. Como diria Fanon, é-se negro porque se é dominado e é-se dominado porque se é negro.

Entretanto, traduzindo um claro ceticismo face às estratégias adoptadas pelo movimento da Negritude, a partir dos anos 30, Wole Soyinka defendia que um *tigre não proclama a sua tigrítude, mas ataca*. Isto é, o autor nigeriano interpretava essa atitude própria das franjas de africanos que, em contacto com a cultura e a civilização ocidentais, desenvolviam uma indisfarçável e sofrida crise de identidade. Este era um facto que, do seu ponto de vista, não parecia afectar a maioria do povo africano que, por isso mesmo, não sentia necessidade de provar o valor da raça e da cultura. E a poesia de Noémia de Sousa é, nesse aspeto, paradigmática.

O pendor apelativo e messiânico que caracteriza o seu verso, a exaltação dos valores negro-africanos, o afrontamento corrosivo às imagens estereotipadas do europeu sobre os africanos e a (re)constituição da sua própria imagem identitária são algumas das marcas mais evidentes do alinhamento estético da escrita da Noémia que, no essencial, reivindica um profundo e ilimitado sentido humanista.

Face à conformação narrativa que caracteriza a poesia de Noémia de Sousa (tal como a de Craveirinha), e a constituição prolética e profética da ideia de nação, estamos, por conseguinte, perante uma escrita que faz depender essa nação ideada à forma como a própria poesia se constrói. Isto,

em função, portanto, de uma reverbativa dimensão estética, ética, cultural e civilizacional.

Estrutura politico-cultural em gestação, ou, simplesmente formação discursiva, segundo Foucault, a nação decorre de uma recriação mítica que faz apelo aos valores de raça, geografia, história, tradição ou língua. E é aí, entre a sacralização da ancestralidade e a reiteração enunciativa dos valores acima mencionados, isto é, entre aquilo que Homi Bhabha [1995] distingue como pedagógico e como performativo, é que a ideia de nação adquire, em Noémia, uma materialidade e uma arquitetura singulares.

Voluptuosa, a poesia de Noémia celebra a própria poesia naquilo que ela significa em termos de melodia, ritmo,

E os corpos surgiram vitoriosos,
sambando e chispando,
dançando, dançando... **(Samba)**
e sensações
a luz do nosso sol,
a lua dos xingombelas,
o calor do lume,
a palhota onde vivemos,
a machamba que nos dá o pão! **(Súplica)**

E é na forma exuberante como se (re)apropria do mundo que a envolve e do que flui no interior, quer do sujeito individual quer do sujeito coletivo, que o "gênero Noémia de Sousa" se vai definindo. Instituinto uma temporalidade própria e muito marcada — passado *gratificante*, presente *sofrido*, futuro *optimista* —, *Sangre Negro* inscreve nos interstícios de cada verso o seu segmento eventualmente mais emblemático e controverso: um intenso clamor que prenuncia um silêncio confrangedor.

Se, por um lado, com o olhar centrado na infância se reconstitui idílica e feericamente o Mito da Idade de Ouro, ou do Paraíso Perdido, por outro,

ao projectar-se utopicamente para o futuro, morada da solução harmoniosa e palingenética, esta poesia tem, no presente, um espaço enunciatório nuclear, ao mesmo tempo de padecimento, mas também propiciatório e invocador do que existe quer no foro privado quer como bem colectivo.

Atentando, entretanto, na forma como o futuro e o presente condicionam a voz poética que se configura como consciência plural, obviamente com um sentido coletivo e partilhado, é, contudo, na sua relação como passado que tudo se radicaliza em relação à forma como essa mesma voz se apresenta. Trata-se, pois, de uma subjetividade envolta num manto de uma nostalgia vibrante, emergindo ativa no exercício reconstituente conduzido pela memória:

— Figuras inesquecíveis da minha infância arrapazada.

Solta e feliz:

meninos negros e mulatos, brancos e indianos,

[...]

Ah, meus companheiros acorados na roda maravilhada

e boquiaberta de "Karingana ua karingana"

das histórias da cocuana do Maputo (**Poema da Infância Distante**)

Afinal, como diria Levinas, é pela memória que o sujeito se funda o *posteriori*, retroactivamente. Isto é, assume hoje o que, no passado absoluto da origem, não tinha sujeito para ser recebido e que, a partir de então, pesava como uma fatalidade:

Quando eu nasci...

[...]

No meio desta calma fui lançada ao mundo.

Já com meu estigma.

Ainda, na percepção do filósofo franco-lituano, é a memória que realiza a impossibilidade e que, como inversão do tempo histórico, se firma

como a *essência da interioridade*. Neste particular, a poesia de Noémia desfaz as asserções totalitárias que fazem dela pura expressão de uma alma coletiva onde a subjectividade está ausente. Subjectividade que se revê e se revitaliza na plenitude da sua condição feminina.

Para todos os efeitos, na sua salteante dialética com a temporalidade, a voz de *Grito Negro* é uma voz que se propaga sonora, profetizando o seu próprio apagamento. Isto é, a utopia, em toda a sua imprevisibilidade, que se torna silêncio e morte. Paradoxalmente, ou não, é justamente aí, ou a partir daí, porque se transcende, que a poesia de Noémia de Sousa assume a sua condição de imortalidade: a crença, mesmo que irreligiosa, na palavra que se diz, que sonha e faz sonhar, que dói e faz doer, que reflete e faz refletir, mas que liberta mesmo que na contingente e precária duração de um grito.

Maputo, Outubro de 2000

MOÇAMBIQUE, LUGAR PARA A POESIA: ANOS CINQUENTA

FÁTIMA MENDONÇA

1. uma pedrada no charco

Se retomo neste texto o título do ensaio de Augusto dos Santos Abranches, é porque me parece justo introduzir, neste lugar, a percepção que o mesmo teve do papel que a poesia moçambicana poderia vir a representar, nos finais dos anos quarenta, num pós-guerra marcado por profunda transformação de mentalidades.¹

Com efeito. Augusto dos Santos Abranches, poucos anos transcorridos sobre a sua chegada a Moçambique, tomando como modelo a produção literária de Cabo Verde — que já então se autonomizava —, lamentava:

[...] em vez de conhecer e integrar-se nesse assombroso movimento literário que está rompendo no arquipélago de Cabo Verde, criação essa poética até na angústia que as ilhas asfixiam, criação essa poética até na revolta e no subjugamento, Moçambique dorme ou mede as suas divagações pela intensidade do luar da noite" (...). Para Moçambique, (...), o exemplo de Cabo Verde pode e deve ser um estímulo para a criação da sua literatura, um abraço irmão. Pode e deve ser a indução do seu lugar para a poesia.²

Poucos anos depois desta sua intervenção, Augusto dos Santos Abranches foi 'surpreendido' por um poema publicado no jornal *O Brado Africano*, em Fevereiro de 194-9, com o título *Poesia não venhas!*, assinado

com as iniciais N.S. Entusiasmado com a 'descoberta' refere no jornal *Noticias*:

Foi pois com uma surpresa e uma alegria desmedidas que topámos no semanário de Lourenço Marques, *O Brado Africano*, com o poema "Poesia não venhas!" Que N.S. assina. A primeira reacção foi a de estarmos em presença de um plágio. Para isso, o ritmo do poema nos convidava. Mas a nossa lembrança, por mais esforçada que fosse, não conseguia encontrar nos seus esconderijos, que Freud classificou, nada que elucidasse onde e por quem poderia ter sido escrito o poema. cremos pois que N.S. é o seu autor (...) Autor ou autora, esclareça-se.³

Embora a própria Noémia de Sousa tenha valorizado este episódio, há poucos anos, em entrevista a Nelson Saúte,⁴ afirmando que "se não tivesse surgido um Augusto dos Santos Abranches a chamar a atenção para o meu nome talvez permanecesse desconhecida até hoje", penso que, o fenómeno que constituiu — e constitui ainda hoje — a recepção de meia centena de poemas, dispersos pelas páginas de *O Brado Africano* — coligidos numa brochura mimeografada, distribuída por amigos — só pode ser explicado por causas mais profundas.

Como Rui Knopfli acentua, em evocação que faz desse período, o marasmo a que estava votada a produção literária, nos finais da década de 40, tornava já inaudível o eco de Rui de Noronha e as manifestações literárias que se lhe seguem constituíam:

(...) o prolongamento, quase sempre anémico, de estilos e hábitos metropolitanos, ainda quando incidem sobre a realidade circundante pois raramente excedem o relato externo e superficial de um exotismo de fachada. É a época dos batuques sensuais, dos poentes cor de fogo e das palmeiras esguias e ondulantes;⁵

A opinião de Rui Knopfli poder-se-á aplicar a autores como Caetano Campo, cujo livro de poemas *Nyaka* [húmus], (1942), revela tendências próximas da poesia negrista, exploradas mais tarde pelo luso-tropicalismo, assim como a muita da poesia dispersa pela imprensa da época e, que de alguma forma, esgotavam a dinâmica literária protagonizada pela geração de letrados, que emergira de *O Africano* e de *O Brado Africano*, nas décadas

de vinte e trinta, de que João Albasini e Rui de Noronha — entre outros — são representantes.

A poesia de Noémia de Sousa, que aliás já se iniciara em 1948⁶, indiciava pois uma nova atitude estética que, como a maior parte dos movimentos e correntes literárias, não pode ser dissociada de razões de ordem histórica. Entre muitas razões prováveis parece-me importante salientar o clima provocado pelas alterações históricas determinadas pelo final da segunda guerra mundial, a que se juntaram condições políticas específicas, provocadas pela candidatura de Norton de Matos (opositor de Salazar) à presidência da República em Portugal, em 1948. A própria Noémia de Sousa foi participante activa, com João Mendes e Ricardo Rangel, no movimento cívico e político que, aproveitando a 'abertura' política que antecedeu as eleições de 1949, criou em Moçambique uma extensão do MUD, (movimento unitário com ligações, hoje reconhecidas, com o Partido Comunista Português] o que, logo a seguir - passada a pseudo — abertura salazarista — provocou a sua prisão e a deportação de João Mendes e de outros membros da organização.⁷ O sentimento de resistência ao colonialismo, já presente noutros setores da sociedade colonizada, estava pois a alargar-se a grupos provenientes da pequena burguesia urbana africana e europeia. Este sentimento transita para as formas literárias, assumindo contornos ideológicos, que projectam a rejeição do carácter colonial do contacto com Portugal.

Alguma desta literatura emergente deixa perceber a sedução pela ideia de uma síntese futura entre duas visões do mundo, duas formas de expressão: a africana e a europeia. Pode-se dizer que esta foi a proposta — embora ténue — de Orlando Mendes em *Trajectórias* (1940) *Cinco poesias do mar Índico*, [conjunto de poemas publicados na revista portuguesa *Seara Nova* em 1947] e *Clima* (1959), assim como de João da Fonseca Amaral e de Rui Knopfli na sua primeira fase. É o próprio Rui Knopfli quem recorda que Orlando Mendes constituiria "a linha de cota que rompia e nos separava do soneto de importação e do verniz de um folclore postiço", destacando igualmente o papel de João da Fonseca Amaral⁸ que, "um pé colocado na Polana aristocrática, outro mergulhado nas areias suburbanas do Alto-Maé", teve uma acção de elemento dinamizador e aglutinante da geração intelectual que amadureceria ao longo da década de cinquenta, sob a dupla

influência de correntes estéticas modernistas e das ideologias pan-africanistas.

Com Noémia de Sousa, está-se perante uma poesia de onde emerge uma temática nova, associada a um discurso torrencial e emotivo, — uma "poética da voz", como refere Ana Mafalda Leite⁹ — orientada para a afirmação negritudinista, o que em Moçambique, na época, assumia carácter inovador. Com a parte dos poemas de José Craveirinha, que dão continuidade e reelaboram esta orientação temática, estes poemas constituem hoje uma irrecusável referência para a história literária de Moçambique.

No seu conjunto, a produção poética da década de cinquenta adquire a forma de projeto de criação de um espaço literário próprio. Os jornais *Itinerário*, *O Brado Africano* e a iniciativa [sem continuidade] de *Mshao* vão constituir o suporte material desta acção, que adquiriu o aspeto de movimento político e cultural.

Poder-se-á assim explicar a emergência de um grupo, com afinidades estéticas e éticas, cuja acção se desenvolveria nesses finais de quarenta e início de cinquenta e a que estiveram ligados, de uma forma ou de outra, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Nogar, o próprio Rui Knopfli, o pintor Antônio Bronze e o hoje cineasta Rui Guerra, celebrizado pelo "cinema novo" brasileiro.

Mas a riqueza deste período da história literária de Moçambique reside no facto de — em simultâneo com esta — terem emergido igualmente outras tendências, a configurar outros grupos, que também procuravam formas de afirmação estética. Julgo ser importante destacar aqui o núcleo surgido em torno de Reinaldo Ferreira, Cordeiro de Brito e Fernando Ferreira e da sua actividade de tertúlia, desenvolvida no café Scala. Do mesmo modo, a aproximação ao surrealismo, iniciada por Duarte Calvão/Virgílio de Lemos — ainda não suficientemente valorizada pelos estudos realizados — permite avaliar o carácter de abertura e de modernidade da produção poética desta época.¹⁰ Creio que a iniciativa de *Mshao* levada a cabo por Virgílio de Lemos (editor com Domingos de Azevedo e Reinaldo Ferreira), Antero Machado, (diretor artístico) e Eugênio de Lemos (secretário), representou, ao fim e ao cabo, uma forma de aglutinar tendências diversificadas naquilo

que designaríamos hoje como a *comunidade imaginada* (incluindo a representação da literatura oral e de outras formas de arte). Não admira, portanto, que, no primeiro (e único) número de *Msaho*, o maior destaque tenha sido para *Poema da infância distante* de Noémia de Sousa, porquanto este se adequava tematicamente à configuração utópica da proposta de *Msaho*, contida na nota de abertura:

contra todas as previsões e contra toda a expectativa temos neste momento a consciência de que a poética de “Msaho” não constitui uma corrente distinta diferenciada com raízes vincadamente moçambicanas (...) mas o que nesta primeira folha revela ainda desencontro estético, formal ou expressivo numa segunda folha poderá tornar-se homogêneo e vir a definir uma força resultante do contacto com elementos nativos, que hoje ainda formam uma massa disforme dependente e incolor.¹¹

Este fenômeno de identificação produziu-se igualmente a partir de Cabo-Verde, S. Tomé e Angola, onde toda uma geração de intelectuais surge na cena cultural e política de tal forma que, ao mesmo tempo que acolhia tendências estéticas oriundas dos vários modernismos, se enquadrava ideologicamente em formas de problematização, ou de contestação do sistema colonial e dos seus epistemas, orientadas para projeções identitárias.

2. do alheio ao próprio: construir a tradição

Vários estudiosos da literatura moçambicana têm chamado a atenção para o caráter de modernidade das manifestações literárias ocorridas em Moçambique após 1945.¹²

Contudo, na maior parte dos casos, as convergências com movimentos literários contemporâneos foram percebidas como meras influências sem que, de um ponto de vista comparatista, se atentasse nas formas como, sucessivamente, movimentos como a Negritude, Modernismo Brasileiro, *Presença* ou Neo-realismo, foram sendo recebidos e transformados pelos autores moçambicanos.

Parece-me que os níveis de recepção das teorias que enformaram estes movimentos foram variados, e será necessário delimitar e caracterizar o

quadro histórico, social e cultural de recepção das ideias estéticas e éticas por eles veiculadas.

Isso permitirá mostrar a convergência, na literatura moçambicana, de elementos estéticos que, nas literaturas de referência, se revelaram incompatíveis, como, por exemplo, a integração simultânea de processos oriundos da estética presencista e neo-realista ou negritudinista, em contextos ideológicos marcados pelos nacionalismos africanos, alimentados por concepções marxistas.

A poesia de Noémia de Sousa, diferentemente da de Rui de Noronha, cujo papel predominante foi o de referência fundadora, (tenha-se em vista a recepção da poesia de Noronha, desde a sua morte em 1943), vai constituir modelo e apresentar reiteraões futuras, intertextualmente formuladas sob a forma de referências directas, alusões ou apropriações temáticas, imagísticas e retóricas. Contudo, desenha-se já o que os aproxima, a ocupação de um espaço duplo: o da tradição literária portuguesa e aquele que é instituído pela sua própria 'performance'. Como é que esta dupla herança se articula de modo a que os textos se possam assemelhar aos dos seus antecedentes portugueses, mas sejam diferentemente "negros", para retomar a expressão de Pires Laranjeira¹³ ou pelo menos "não portugueses"? (isto é. Outros). Ocorre-me recorrer a Henry Louis Gates Jr., quando reflecte sobre a problemática geral da alteridade do texto "negro":

Canonical Western texts are to be digested rather than regurgited, but digested along canonical black formal and vernacular texts. The result, in work such as that by Aimé Césaire, Ralph Ellison and Soyinka, is a literature 'like' its French or Spanish, American or English antecedents, yet differently 'black'.¹⁴

Convém enfatizar o facto de o termo 'black' ser utilizado por Gates e por outros críticos afro-americanos, tendo como referência o contexto histórico dos Estados Unidos e toda a problemática que lhe é inerente do multiculturalismo e das minorias. As identidades 'black', 'chicana', 'Chinese american' ou 'native american' representam, na óptica destes autores, uma construção cultural — portanto, histórica — extensiva a outras categorias sociais minoritárias como género ou orientação sexual. A sua aplicação ao

caso moçambicano não é, por isso, pacífica, valendo apenas como homólogo de uma alteridade manifesta.

Para melhor explorar esta questão gostaria de chamar a atenção para um elemento que, sendo comum a outros poetas moçambicanos, produz na poesia de Noémia de Sousa, um efeito que me parece ter sido decisivo, para o papel de modelo que veio a assumir nos diferentes níveis de receção que obteve. Trata-se da forma como, através de varias estratégias intertextuais, historiciza os textos encaminhando-os para a expectativa que rodeia um certo espaço (África) e um certo tempo ideológico (a emergência dos nacionalismos africanos).

Esta característica historicizante da poesia de Noémia de Sousa (e eu diria mesmo, de grande parte da poesia moçambicana) é referida por Pires Laranjeira, no bem documentado estudo sobre a negritude africana de língua portuguesa, nestes termos:

*O discurso do negro é pois, injuntivamente mais preciso, descritivo e ideológico que o do Neo-realismo português, em condições de publicação e divulgação tanto ou mais agrestes, mas sem abandonar uma estratégia discursiva de cariz estético tradicional, modelada pela pressão dos circunstancialismos conhecidos.*¹⁵

Ao amplificar as potencialidade dos hipotextos, Noémia de Sousa introduz nos novos textos (moçambicanos) uma forte historicidade, religando-os a um espaço particularizado (Moçambique) e a um tempo concreto (o das explosões nacionalistas africanas): Os poemas marcam a História e fazem-se sua representação.¹⁶

3. em Harlém, no coração da Mafalala: transformar o mundo

Em Moçambique, assim como em Angola, a estética da Negritude teve repercussões, embora a poesia marcada por alguns dos seus códigos discursivos ultrapasse os códigos ideológicos, temáticos e estéticos característicos do Movimento, tal como se manifestaram, quer na poesia da Renascença Negra, quer na poesia da Negritude de Paris, e se aproxime de gestos literários próximos de outros movimentos modernos, nomeadamente o Neo-realismo português e o Modernismo brasileiro.

Surgida com alguns anos de atraso, relativamente ao Movimento nas suas manifestações americanas ou parisienses, por razões históricas explicáveis, coube às gerações dos anos cinquenta de Angola e Moçambique desenvolver o que, na poesia do poeta santomense Francisco José Tenreiro, se pressentia: uma corrente estético-literária sintonizada com as tendências de ruptura que orientaram os vários modernismos, tendo chegado, em alguns casos, a excedê-los.

Ultrapassando a representação essencialista da identidade negra, tão cara a Senghor, esta poesia acaba por integrar elementos ideológicos que lhe permitiram funcionar simultaneamente como Manifesto estético e Manifesto político.

A poesia de Noémia de Sousa é, deste ponto de vista, paradigmática, pois orienta-se para uma temática marcadamente nova (no contexto moçambicano] onde recorrentemente emerge África desdobrada em vários símbolos (Mãe, Energia, Redenção), do mesmo modo que os ecos longínquos e distantes de Harlém nela perpassam, como acontece no poema *A Billie Holiday, cantora "(...) e então / tua voz minha irmã americana / veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão / estranha, profunda, quente / vazada em escravidão[...]"*

Essa inovação temática desenvolve-se para uma insistente representação do quotidiano suburbano: o contratado, o estivador, o mineiro, a prostituta interligam-se emblematicamente num universo imagístico sustentado pela imprecação violenta de um Eu que, em sucessivas mutações metonímicas, conduzem à integração no colectivo, como acontece em *Patrão*:

(...)

pergunta à tua casa quem fez cada bloco seu

quem subiu aos andaimes,

quem agora limpa e a põe tão bonita (...)

(...)

Pergunta quem morre no cais

todos os dias — todos os dias —,
para voltar a ressuscitar numa canção..
E quem é escravo nas plantações de sisal
e de algodão (...)
(...)
E o suor é meu
a dor é minha
o sacrifício é meu
a terra é minha
e meu é também o céu (...) ¹⁷

Estas características da poesia de Noémia de Sousa, a que muitas vezes se vem juntar um registo injuntivo, fazem dela uma escrita fixada na acção, em que o projecto de empenhamento é constantemente assumido. Para tal, contribui também a oposição insistente *Eu-Nós vs Tu*, *Eu/Nós vs Vós*, onde o estatuto de 'superioridade' do *Eu/Nós* se manifesta, sobrecarregado de uma emocionalidade que nos recorda (sempre) gestos literários do neo-realismo, concentrando, por isso, no texto uma força utópica que marca de maneira particular a sua poesia.

É por esta via que os poemas de Noémia de Sousa introduzem na poesia moçambicana um discurso simultaneamente lírico (no sentido que lhe atribui Paul Valery de "desenvolvimento de uma exclamação") e épico, o que vai determinar o seu papel de vanguarda estética e justificar mais tarde a sua inclusão no discurso nacionalista africano moderno.

Na verdade creio ser este aspeto que explica o facto de, embora disseminados e não publicados em livro (ainda que a brochura mimeograda tenha circulado o que, em si, também é significativo), a poesia de Noémia de Sousa se tenha insinuado, como referência, no campo literário, configurado pela relação poesia/acção, instituída pela série ideológica. Com efeito, podemos verificar que Noémia de Sousa figura em praticamente

todas as antologias de poesia africana de língua portuguesa, desde os anos cinquenta, ou em traduções, publicadas fora do espaço colonial, antes da independência de Moçambique, as quais, de forma direta ou indireta, projetavam elementos ideológicos da esfera dos nacionalismos africanos. Do mesmo modo, se percorrermos páginas/cadernos ou revistas literárias mais recentes, encontraremos esses fios de memória trazidos da sua poesia, a percorrer novos textos (poéticos ou não), ancorados na necessidade de dar expressão a variadas emoções.

Parafraseando Alberto de Lacerda,¹⁸ uma outra figura da 'República das Letras' [moçambicanas/portuguesas?], contemporâneo de Noémia de Sousa, para quem "o poema além do prazer que dá (...) revela mais profundamente o homem e a vida, obriga-o a viajar, e de uma viagem volta-se sempre diferente", diria que há meio século estes poemas (finalmente reunidos) proporcionam a diversas camadas de leitores e de leitoras esse prazer ou essa viagem. Os regressos e as diferenças, que se operaram em cada leitura estão indelevelmente inscritos nas formas como a partir delas — leituras —, se interrogam e des(constróem) representações, singulares ou coletivas da(s) realidade(s). E isso, estou convencida, (se afinal ela não chegou ao fim, como se anunciou] só a História poderá responder ou confirmar.

Maputo, Setembro de 2001

NOTAS

1. Augusto dos Santos Abranches deixou o seu nome ligado à geração coimbrã do neo-realismo. Dirigiu em Coimbra a Livraria Portugália (que funcionou igualmente como editora] a qual se tornou, nos finais da década de 30, um espaço de convivência de escritores como Fernando Namora, João José Cochofel, Joaquim Namorado. É provável que tenha também tido actividade nos movimentos das Revistas *Presença e Vértice*. Por volta de 1943 ou 1944 veio para Moçambique, tendo-se empregado na Livraria Minerva Central de Lourenço Marques. Ainda em 1944 cria *Sulco* "Página de Artes e Letras do Noticias de Domingo para Gente Moça" de que saíram 16 números [2/7/44 a 4/3/45). Passou a orientar a revista *Itinerário* [1945/1955], na sua última fase, tendo também dirigido o semanário *Agora* (1948], mandado suprimir por ordem do governador-geral. É a Augusto dos Santos Abranches que se deve a divulgação em Moçambique de autores portugueses, brasileiros, cabo-verdianos e angolanos, cuja escrita se deixava impregnar pelas tendências modernistas. Foi um activo dinamizador da actividade literária da geração que emergiu do pós-guerra em Moçambique, papel que Rui Knopfli assinala em crônica publicada depois do seu falecimento no jornal *A Voz de Moçambique* (25/5/63). Partiu para o Brasil em 1956, tendo falecido em São Paulo em 1963. Deixou publicados dois livros de poemas [*Poemas de hoje*, 1942] [*Tufão*, 1943] e uma peça de teatro [*As várias faces*, 1943] para além de uma assinalável produção ensaística dispersa na imprensa moçambicana, cujo estudo será um contributo para a história literária de Moçambique. Cf. *Boletim Informativo BI 2. série (9)*. Maputo: Serviços Culturais-Embaixada de Portugal, 1996.
2. Augusto dos Santos Abranches. "Moçambique lugar para a poesia" In *Teses apresentados ao 1 Congresso realizado de a 13 de Setembro de 1947*. Lourenço Marques. Sociedade de Estudos da Colônia de Moçambique, [1947] Cf. *Boletim Informativo BI 2. série [9]*, Maputo; Serviços Culturais-Embaixada de Portugal, 1996, p. 29-31.
3. Citado em *Boletim Informativo BI 2. serie [9]*, Maputo: Serviços Culturais-Embaixada de Portugal, 1996, p. 18.
4. Nelson Saúte. *Os habitantes da memória*. Praia-Mindelo:Centro Cultural Português, 1998, p.243.
5. Rui Knopfli- "Breve relance sobre a actividade literária" *Facho [30]*, [Lourenço Marques]: Ed. Sonap, Set/Out, 1974.
6. *Canção* fraterna foi o primeiro poema que Noémia de Sousa publicou. As circunstâncias da sua publicação são relatadas pela autora em entrevista a Michel Laban. Cf. Michel Laban *Moçambique encontro com escritores. Vol I*. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1998, p. 236-346.
7. Em 1985, participei, com outros colegas da UEM, num Seminário intitulado *Ideologias da Libertação nacional* dirigido por Mário Pinto de Andrade em Maputo. Nessa altura, fui alertada por Mário de Andrade para a existência de uma nota do Governo Geral de Moçambique em que o nome de Noémia de Sousa aparece associado aos de Ricardo

Rangel, João Mendes e Rui Guedes como fazendo parte de uma "Comissão Central" que pretendia criar uma 'Organização Comunista Moçambicana'. Quando a pude questionar directamente sobre este assunto, Noémia de Sousa deu-me a indicação, creio que por modéstia, de que Cassiano Caldas [que eu conhecia, através de Mário Barradas desde os finais dos anos 60] me poderia esclarecer melhor sobre todo este período. Gravei então uma longa entrevista com Cassiano Caldas em Maputo, que me forneceu detalhes importantes sobre a sua passagem pelo *Itinerário*, a constituição do MUD em Moçambique, em que participara, das relações com o PCP, assim como do papel que Noémia desempenhara nessa altura. Mais tarde, forneci estas informações ao meu colega Pires Laranjeira que as recenseou em *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta 1995, p. 260. Em 1999 Dalila Cabrita Mateus publica *A luta pela independência. A formação das elites fundadoras da FRELIMO, MPLA e PAICC*. Lisboa: Ed. Inquérito. Trata-se de uma tese de mestrado circunstanciada que, para além de confirmar os dados de Mário de Andrade e Cassiano Caldas, reconstrói, a partir dos ficheiros da PIDE, a trajectória política, [aparente e injustificadamente esquecida] de Noémia de Sousa, com continuidade em Lisboa, assim como a de alguns dos protagonistas desse movimento, nomeadamente João Mendes [que reaparece na vida política e social de Moçambique, depois de 1975] e Sofia Pomba Guerra que vai reaparecer na Guiné-Bissau com ligações ao PAIGC.

8. Rui Knopfli. Op. Cit. A poesia de Fonseca Amaral foi reunida e publicada postumamente com prefácio de Eugénio Lisboa. Cf. *Poemas por João Fonseca Amaral*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1999.

⁹ Ana Mafalda Leite. "Voz, origem, corpo, narração- poesia de Noémia de Sousa". in *Oralidades e escritas nas literaturas africanas*. Lisboa; Ed. Colibri, 1998, p. 99-110.

¹⁰ Foi feita uma primeira sistematização da poesia de Virgílio de Lemos por Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco. Cf. Virgílio de Lemos & heterónimos. *froticus Moçambicanus - Breve antologia da poesia escrita em Moçambique*, [19M-4—1963) Rio de Janeiro: Nova Fronteira - UFRJ, 1999.

¹¹ *Msaho. Folha de poesia*. (1) Lourenço Margues, 25/10/952. A nota de abertura com o título *apresento* é assinada por Virgílio de Lemos, principal dinamizador do projecto. Os desenhos do pintor João Aires e a apresentação gráfica denotam as preocupações modernistas subjacentes a *Msaho*. Não deixa de ser interessante verificar que, 35 anos mais tarde, num contexto histórico e político completamente diferente, a mesma necessidade se manifesta com os cadernos literários *Xiphexo*, de Inhambane, surgida em 1987

¹² Cf. Mário de Andrade. Prefácio a *Cadernos de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. Lisboa: CEI, 1953; Manuel Ferreira. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. (2 vol.) Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. *No reino de Caliban III*, Lisboa: Plátano, 1985; Alfredo Margarido. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980; Fernando J.B. Martinho. "O negro norte-americano como modelo na busca de identidade para os poetas de África de língua portuguesa" in *Les literatures Africaines de langue portugaise - À la recherche de l'identité individuelle et nationale - Actes du Colloque International*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1985, p.523-530; Gilberto Matusse. "A representação literária da identidade moçambicana: Craveirinha". *Scripta*. 2. semestre, 1997, vol 1, [1], [PUC Minas), p.15-195; Orlando Mendes. *Sobre literatura moçambicana*. Maputo: INLD, 1978, Fátima Mendonça, *Literatura moçambicana - a história e as escritas*. Maputo: Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane,

1988; Francisco Noa. *Literatura moçambicana- Memória e conflito*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1997. Manoel de Souza e Silva - *Do alheio ao próprio a poesia em Moçambique*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

¹³ Cf. Pires Laranjeira. *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

¹⁴ Cf. Henry Louis Cates. *Black literature and literary theory*. New York: Methuen, 199H, p. 1-24.

¹⁵ Pires Laranjeira. *Op. cit.* p. 486.

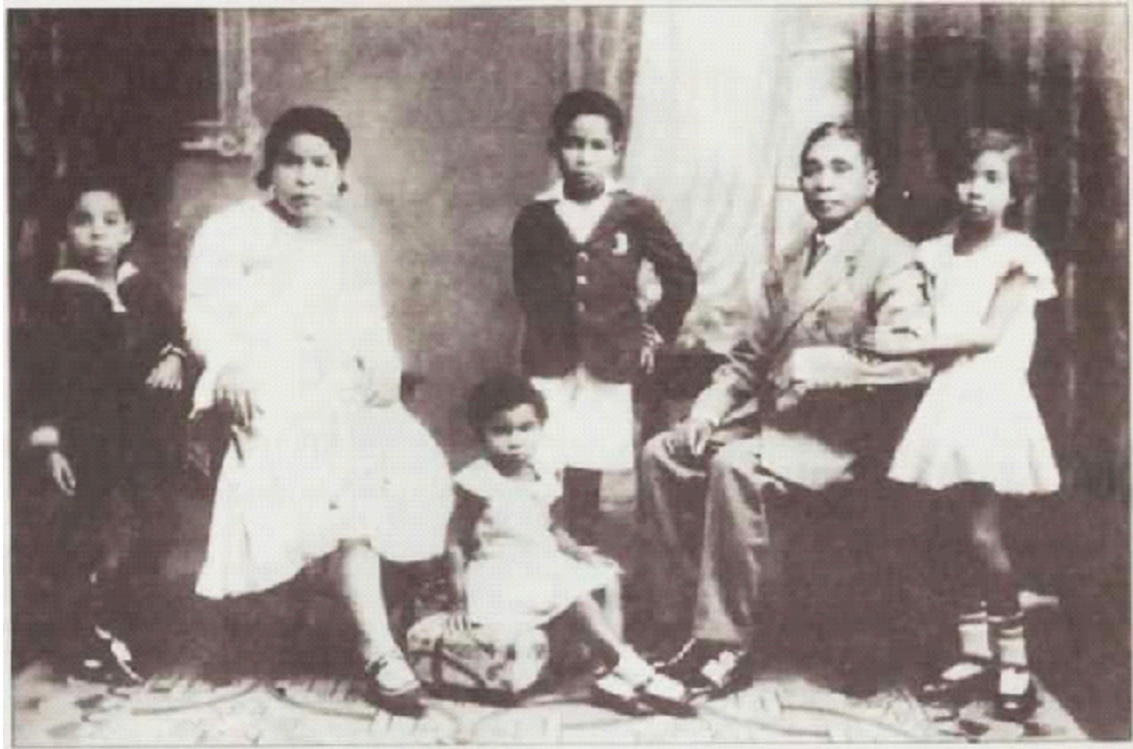
¹⁶ Esta questão é desenvolvida no ensaio "Influências, apropriações e transformações" inserido no cap dois.

¹⁷ Noémia de Sousa. *Sangue Negro*: Maputo: AEM0 2001, p.81-83.

¹⁸ Cit. por Fernando J. B. Martinho. *Tendências dominantes da poesia portuguesa da década de 50*. Lisboa: Colibri, 1996, p. 108. O autor cita o ensaio de Alberto de Lacerda intitulado "Lugar para a poesia" publicado no fascículo 1 de *Távola Redonda*, em Janeiro de 1950.



PORTEFÓLIO



Da esquerda para a direita: Nuno Abranches de Sousa, a mãe, Noémia de Sousa. Rui Abranches de Sousa, o pai, Vanda de Sousa



Aniversário de Dolores Lopez

Esq. p/dir.: Irene Aguiar, Nuno Abranches, Judite da Conceição, poeta Carlos Maria, Noémia de Sousa, Luis Chang, Irene Guião e D.Tolentino



Noémia com as irmãs

Lourenço Marques, Maio de 1940



Os irmãos
Oeiras, 1957



Noémia com a filha Gina



Noémia com Dolores Lopez (Anos 50)



Noémia, José Craveirinha e Dolores Lopez no Jardim do Paraíso, quando redigiam o manifesto exigindo a independência de Moçambique **Anos 50**



Noémia com Luís Bernardo Honwana e Pamela Santos



Noémia com Culamo Khan



Noémia com Marcelino dos Santos



Noémia com José Craveirinha



Noémia com o Presidente Joaquim Chissano



ÍNDICE

O LEGADO DO AMANHÃ PREFÁCIO

NOSSA VOZ

Nossa voz

Nossa irmã a lua

Súplica

Abri a porta, companheiros

Passe

Justificação

BIOGRAFIA

Se me quiseres conhecer

Poema da infância distante

Shimani

Deixa passar o meu povo

Poema para um amor futuro

Poema

Se este poema fosse

Instantâneo

MUNHUANA 1951

Porquê

Canção fraterna

Negra

Irmãzinho negro tem um papagaio de papel

Lição

Patrão

Magaíça

Zampungana

Cais

Moças das docas

Apelo

Samba

O homem que morreu na terra do algodão

Dia a dia

LIVRO DE JOAO

Poema

Descobrimento

Carta

Grito

Um Dia

Poema de João

SANGUE NEGRO

Poesia, não venhas!

Solidão

Poema para Rui de Noronha

Godido

Poema

A Billie Holiday, cantora

Poema a Jorge Amado

Bayete

Sangue Negro

DISPERSOS

Quero conhecer-te África

19 de Outubro

A mulher que ri à vida e à morte

POSFÁCIOS

Mãe dos Poetas Moçambicanos – introdução a 1. edição

Noémia de Sousa: a metafísica do grito por Francisco Noa

Moçambique, lugar para a poesia, por Fátima Mendonça

Notas

Portifólio

Carolina Noémia Abranches de Sousa

nasceu na Catembe, Maputo, a 20 de setembro de 1926 e faleceu em Lisboa a 4 de dezembro de 2002. Foi jornalista. O seu livro *Sangue Negro*, publicado em 2001, permaneceu inédito durante 50 anos. Noémia de Sousa é uma das vozes fundadoras da poesia moçambicana e um dos nomes referenciais da poesia africana.

Contra capa

É pois com emoção que apresento este **Sangue Negro** de novo ao trânsito dos leitores. Eu tenho um ilimitado afeto pela Noémia de Sousa e acho que este é um dever de memória do qual jamais me poderia exonerar. Todos os anos, no dia 20 de setembro, sou interpelado por jovens que me pedem que vá falar da minha querida Noémia. E eu me repito, também com lágrimas, nesses eventos, recordando-a emocionadamente. Por eles e por todos os outros fazemos reviver esta belíssima e notável obra e não deixamos morrer Noémia de Sousa. E isso me comove até às lágrimas esta noite, enquanto redijo as breves e precárias palavras desta nota preambular.

Nelson Saúte

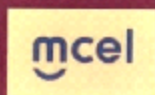
01

AFRICANO



É pois com emoção que apresento este *Sangue Negro* de novo ao trânsito dos leitores. Eu tenho um ilimitado afeto pela Noémia de Sousa e acho que este é um dever de memória do qual jamais me poderia exonerar. Todos os anos, no dia 20 de setembro, sou interpelado por jovens que me pedem que vá falar da minha querida Noémia. E eu me repito, também com lágrimas, nesses eventos, recordando-a emocionadamente. Por eles e por todos os outros fazemos reviver esta belíssima e notável obra e não deixamos morrer Noémia de Sousa. E isso me comove até às lágrimas esta noite, enquanto redijo as breves e precárias palavras desta nota preambular.

Nelson Saúte



Foi preservada a grafia original.

Pdf de imagens encontrado na internet.

Digitalização, formatação e correção:

